G.
13

1881

ALMANACH DOS THEATROS

BORDALLO PINHEIRO

Cam
531 13

Cart. 13
5 51

ALMANACH

DOS

THEATROS

PARA 1881

POR

MENDONÇA E COSTA

6.º ANNO

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

DEPOSITO
LIVRARIA PACHECO & CARMO
136—Rua Aurea—138
LISBOA

Cam
531/13

Depositado segundo o artigo 604.º do Codigo Civil
para garantia dos direitos de propriedade
no mesmo Codigo designados

TYPOGRAPHIA MINERVA
81, Rua Nova do Almada, 81
1880

COLLABORADORES

ANTONIO DE MACEDO PAPANÇA

ARISTIDES ABRANCHES

A. X. RODRIGUES CORDEIRO

BATALHA REIS, C. SEQUEIRA, CYPRIANO JARDIM

EÇA LEAL

EDUARDO COELHO, EDUARDO GARRIDO

FERNANDO CALDEIRA

FRANCISCO PALHA, GOMES LEAL

GRAÇA BARRETO

GUILHERME CELESTINO

J. C. RODRIGUES DA COSTA

JOÃO DE DEUS, JOAQUIM D'ARAUJO, LEITE BASTOS

LUCIANO CORDEIRO

MAGALHÃES LIMA, MENDONÇA E COSTA

PINHEIRO CHAGAS

RAMALHO ORTIGÃO, RODRIGO AFFONSO PEQUITO

SOUSA VITERBO

THEOPHILO BRAGA, TEIXEIRA DE QUEIROZ

URBANO DE CASTRO

VISCONDE DE BENALCANFÔR

VISCONDE DE OUGUELLA

INDICE

Telegraphia electrica.. 5
C. de ferro do Sueste... 7
« « Leste.... 8
« « Norte.... 9
« « Minho... 10
« « Douro... 11
Preços dos theatros de Lisboa 11
Registro theatral 13
Nova lei do Sello..... 17
Computo ecclesiastico. 20
Estações do anno ..... «
Festas moveis ..... «
Temporas..... «
Eclipses ..... «
Calendario..... 21

LITTERATURA

Secção Camoneana
Reflexos do Centenario. 1
Um pensamento..... 2
A proposito do Centenario..... 2
Uma poesia inedita de Camões..... 3
As mulheres de Camões 5
A Epopêa de Camões.. 6
As nossas cousas..... 8
As festas do Centenario. 9
O epilogo do Centenario 11
Camões, poesia recitada no theat. de D. Maria. 13
Fragmento do poema Catherina d'Athayde. 15
Camões, côro laudatorio cantado no Coliseo.. 16
O protesto da Lyra.... 17
Camões, drama repres. no theat. de D. Maria 19
A nossa Camoneana... 22
A litteratura picaresca. 23
Primeiro amor..... 25
Falta de annuncio.... 25
Os pastores do Minho. 26
Confidenzza 27
Da critica da musica dramatica..... 27
As botas do actor Rosa. 30
A alegria portugueza.. 31
Orpheo no inferno.... 33
A rua Garrett..... 35
Madame Favart 37
A tragedia no campo.. 39
Nas varetas d'um leque..... 40
O medico côr de rosa.. 41
A serenata de Schubert. 43
Comedia sem actrizes.. 46
Giria de soldado..... 46
No album d'um amigo. 47

TELEGRAPHIA ELECTRICA

REINO (1)

TELEGRAMMAS ORDINARIOS (entre qualquer ponto do paiz)—taxa fixa 50 réis; cada palavra 10 réis.

NOTICIOSOS (para jornaes, agencias e affixação) — metade dos preços supra.

URBANOS (dentro de qualquer cidade)—taxa fixa 20 réis; cada palavra 10 réis.

SUBURBANOS (entre Lisboa ou Porto e qualquer ponto até 15 kilometros; nas demais cidades até 5 kilometros) metade dos preços dos ORDINARIOS

URGENTES—a taxa que lhes competir augmentada do seu duplo.

ESTRANGEIRO

	VIA HESPANHA		VIA FALMUTH	
	UMA PALAVRA RÉIS	CADA PALAVRA MAIS RÉIS	UMA PALAVRA RÉIS	CADA PALAVRA MAIS RÉIS
Allemanha	336	56	840	140
Austria-Hungria	468	78	996	166
Belgica	384	64	816	136
Dinamarca	504	84	924	154
França	50	50	900	150
Hollanda	432	72	864	144
Inglaterra	576	96	576	96
Noruega	606	101	924	154
Russia	768	128	1$308	218
Suecia	588	98	1$068	178
Suissa	384	64	1$008	168
Turquia	720	120	1$212	202
			VIA MALTA	
Grecia	732	122	1$212	202
Italia	396	66	924	154
Gibraltar (directo)			240	40

(1) Estes preços são os da nova reforma do serviço telegraphico que brevemente deve vigorar.

	CADA PALAVRA RÉIS
Algeria	70
America do Norte (New-York)	217 1/2
« « (Philadelphia)	247 1/2
Australia (Port Darwin, Australia Meridional e Occidental, e Victoria e Tasmania)	2$580
Brazil — Pernambuco	2$055
Brazil — Bahia e Maranhão	2$855
Brazil — Rio de Janeiro de Pará	3$155
Brazil — Santos, Santa Catharina e Rio Grande do Sul	3$655
Buenos-Ayres	3$821
Cabo Verde (S. Vicente)	830
Canadá	217 1/2
China (Hong Kong, Amoy e Shangai [1])	2$000
Demerara	3$717 1/2
Durban (Natal)	2$125
Estações dos governos anglo-africanos	2$245
Hespanha	20
India (Góa)	1$120
Lourenço Marques	2$135
Madeira	250
Moçambique	2$135
Montevideu	3$655
Zanzibar	1$875

ESTAÇÕES EM LISBOA E BELEM—*Principal*—Praça do Commercio, no edificio do ministerio das obras publicas. *Succursaes*—Rua do Caes dos Soldados, Correio geral, Côrtes, Necessidades, Palacio da Bemposta, Largo do Rato, Rua da Mouraria, Rua de Santa Martha, Ajuda, Rua direita de Belem 13, Bom Successo.—*Lazareto.*

[1] Para Macau — além da taxa de 2$000 réis até Hong Kong mais 400 para correio.

CAMINHOS DE FERRO DO SUL E SUESTE

Kilometros	Preços por classes 1.ª	2.ª	3.ª	Estações		Comboios Manhã	Tarde
—	—	—	—	Lisboa (vapor)	P.	7-45	2-35
					C.	8-20	3-23
7	$150	$150	$100	Barreiro	«	8-56	3-48
9	$310	$290	$210	Lavradio	«	9- 4	3-56
12	$310	$290	$210	Alhos Vedros	«	9-12	4- 4
15	$350	$310	$230	Moita	«	9-30	4-22
23	$500	$430	$310	Pinhal N. (Ent. Set.)	«	10- 4	—
38	$780	$650	$470	Poceirão	«	10-26	—
49	$990	$810	$590	Pegões	«	10-56	—
64	1$270	1$030	$740	Vendas Novas	«	11-46	—
82	1$610	1$300	$930	Montemór	«	12-15	—
97	1$900	1$520	1$090	Casa Br. (Ent. Extr.)	«	12-55	—
109	2$120	1$690	1$220	Alcaçovas	«	1- 9	—
117	2$270	1$810	1$300	Vianna	«	1-25	—
124	2$410	1$910	1$370	Villa Nova	«	1-42	—
132	2$560	2$030	1$460	Alvito	«	2-10	—
144	2$780	2$210	1$580	Cuba	«	2-48	—
161	3$110	2$460	1$760	Beja (Ent. Casevel)	«	3-33	—
173	3$330	2$640	1$890	Baleisão	«	3-51	—
180	3$460	2$740	1$960	Quintos	«	4-13	—
190	3$650	2$890	2$070	Serpa	«	12-32	—
—	—	—	—	Casa Branca (Ent.)	P.	1-22	—
					C.	2-22	—
123	2$390	1$900	1$360	Evora	«	2-39	—
143	2$770	2$190	1$570	Azaruja	«	2-59	—
148	2$860	2$270	1$630	Valle do Pereiro	«	3-25	—
156	3$010	2$390	1$710	Venda do Duque	«	3-55	—
164	3$160	2$500	1$790	Evora Monte	«	3-10	—
175	3$370	2$660	1$910	Extremoz	«	3-42	—
—	—	—	—	Beja (Entronc.)	P.	4- 4	—
					C.	4-39	—
177	3$410	2$690	1$930	Outeiro	«	5- 4	—
185	3$560	2$810	2$010	Figueirinha	«	9-40	4-28
198	3$800	3$000	2$150	Carregueiro	«	9-53	4-41
207	3$970	3$130	2$240	Casevel	«	10- 8	4-55
—	—	—	—	Pinhal Novo (Ent.)	P.		
30	$630	$530	$390	Palmella	«		
35	$720	$610	$440	Setubal	«		

CAMINHO DE FERRO DE LESTE

Kilometros	Preços por classes			Estações		Comboios Mixto — Manhã	Comboios Corr.º — Tarde
	1.ª	2.ª	3.ª				
	—	—	—	Lisboa.....	Part.	8- 0	8- 0
4	$120	$100	$070	P. do Bispo	Cheg.	8-10	—
7	$140	$110	$080	Olivaes....	»	8-19	8-14
10	$200	$160	$120	Sacavem...	»	8-28	8-21
18	$360	$280	$200	Povoa.....	»	8-42	8-36
22	$440	$340	$250	Alverca....	»	8-53	—
26	$520	$410	$290	Alhandra...	»	9- 3	8-54
31	$620	$480	$350	Villa Franca	»	9-13	9- 5
37	$740	$580	$410	Carregado .	»	9-26	9-19
47	$940	$730	$520	Azambuja ..	»	9-47	9-46
55	1$100	$850	$610	Reguengo..	»	10- 2	—
61	1$220	$950	$680	Sant'Anna..	»	10-13	10- 9
75	1$490	1$160	$830	Santarem ..	»	10-36	10-31
84	1$670	1$300	$930	V. de Fig ..	»	11- 5	—
94	1$870	1$460	1$040	M.de Mirand.	»	11-22	—
103	2$050	1$590	1$140	Torres Nov.	»	11-39	11-34
107	2$130	1$660	1$180	Entronc....	»	11-50	11-45
111	2$210	1$720	1$230	Barquinha .	»	12-44	1-38
119	2$370	1$840	1$320	Praia.....	»	1-16	1-54
130	2$580	2$010	1$440	Tramagal ..	»	1-50	2-12
135	2$680	2$090	1$490	Abrantes...	»	2- 7	2-22
147	2$920	2$270	1$630	Bemposta ..	»	3- 8	—
164	3$260	2$540	1$810	Ponte de Sor	»	4- 7	3-25
175	3$480	2$710	1$930	T. das Varg.	»	4-53	3-45
184	3$660	2$850	2$030	Chança....	»	5-35	—
200	3$970	3$090	2$210	Crato.....	»	6-26	4-41
217	4$310	3$350	2$400	Portalegre .	»	7-34	5-24
227	4$510	3$510	2$510	Assumar...	»	8-27	5-48
246	4$890	3$800	2$720	S. Eulalia..	»	9-13	6-19
265	5$260	4$100	2$930	Elvas.....	»	10- 5	6-34
282	5$630	4$380	3$130	Badajoz....	»	11-10	8- 0
				RAMAL DE CACERES			Manhã
—	—	—	—	T. das Vargens.....	Part.		4-30
29	$580	$450	$320	Pezo.....	Cheg.		6- 0
49	$980	$760	$550	Castello de Vide....	«		7-11
65	1$290	1$010	$720	Marvão..	«		8- 5
81	1$610	1$260	$900	Valencia d'Alcant.ª.	«		9-30

CAMINHO DE FERRO DO NORTE

Kilometros	Preços por classes			Estações		Comboios	
	1.ª	2.ª	3.ª			Mixto — Manhã	Corr.º — Tarde
—	—	—	—	Lisboa.....	Part.	8- 0	8- 0
107	2$130	1$660	1$180	Entronc...	Cheg.	11-50	11-45
						Tarde	Manhã
121	2$410	1$870	1$340	Payalvo ...	»	12-52	12-43
130	2$580	2$010	1$440	C. de Maçãs.	»	1-21	1- 7
140	2$780	2$170	1$550	Caxarias ..	»	1-45	1-29
150	2$980	2$320	1$660	Albergaria .	»	2-23	—
162	3$220	2$510	1$790	Vermoil ...	»	2-44	—
170	3$380	2$630	1$880	Pombal	»	3- 0	2-28
186	3$700	2$880	2$060	Soure	»	3-28	2-54
202	4$010	3$120	2$230	Formoselha.	»	3-56	3-20
212	4$210	3$280	2$340	Taveiro ...	»	4-15	—
218	4$330	3$370	2$410	Coimbra ...	»	4-28	3-47
225	4$470	3$480	2$490	Souzellas .	»	4-58,	—
237	4$710	3$660	2$620	Mealhada...	»	5-24	4-36
245	4$870	3$790	2$710	Mogofores..	»	5-41	4-53
253	5$030	3$910	2$790	Oliv. do Bairro	»	5-58	5- 8
273	5$420	4$220	3$010	Aveiro.....	»	6-34	5-42
288	5$720	4$450	3$180	Estarreja ..	»	7- 0	6- 7
301	5$980	4$650	3$320	Ovar	»	7-31	6-29
312	6$200	4$820	3$440	Esmoriz ...	»	8- 0	6-50
318	6$320	4$910	3$510	Espinho ...	»	8-15	6-59
321	6$380	4$960	3$540	Granja	»	8-32	7-11
328	6$510	5$070	3$620	Valladares .	»	8-55	7-27
333	6$610	5$140	3$680	V. N. de Gaya	»	9-13	7-40
337	6$690	5$210	3$720	Porto.....	»	9-35	8- 0

ESTAÇÃO CENTRAL EM LISBOA—RUA DO OURO, 262 A 270

Estaçao central em Coimbra—P. de S. Bartholomeu

Agente de alfandegas em Elvas e Badajoz

D. ANTONIO COVARSI

CAMINHO DE FERRO DO MINHO

Kilometros	Preços por classe 1.ª	2.ª	3.ª	Estações	Comboios ascend. Mixto — Manhã	Corr.º — Manhã	Misto — Tarde
	—	—	—	Porto.....P.	6- 0	8-45	4-20
5	$120	$090	$070	Rio Tinto.....C.	6-11	8-54	4-29
9	$180	$140	$100	Ermezinde.... «	6-24	9- 6	4-40
16	$310	$240	$170	S. Romão ... «	6-48	9-28	4-59
23	$440	$340	$250	Trofa..... «	7- 9	9-43	5-16
32	$610	$480	$340	Famalicão.... «	7-34	10- 2	5-37
39	$740	$580	$410	Nine..... «	8- 0	10-17	5-56
46	$870	$680	$490	S. Bento..... «	8-27	10-38	6-19
51	$950	$740	$530	Barcellos..... «	8-39	10-48	6-30
60	1$140	$890	$630	Tamel ..... «	9-11	11-12	6-54
68	1$310	1$020	$730	Barrosellas... «	9-35	11-30	7-16
77	1$480	1$150	$820	Darque..... «	9-57	11-47	7-35
82	1$550	1$210	$870	Vianna..... «	10-14	12- 0	7-49
89	1$690	1$310	$940	Montedor..... «	—	12-18	8-10
97	1$840	1$430	1$020	Ancora ..... «	—	12-34	8-28
105	1$990	1$550	1$110	Caminha..... «	—	12-49	8-45
110	2$080	1$620	1$160	Lanhellas..... «	—	1- 2	9- 0
116	2$200	1$710	1$220	Cerveira ..... «	—	1-16	9-14
126	2$390	1$860	1$330	S. Pedro ..... «	—	1-38	9-36
130	2$460	1$920	1$370	Valença..... «	—	1-50	9-47

RAMAL DE BRAGA

39	$740	5$380	$410	Nine (entr.)...P.	8- 8	10-36	6-14
45	$860	$670	$180	Arentim .....C.	8-18	10-46	6-24
48	$910	$710	$510	Tadim..... «	8-27	10-55	6-33
54	1$030	$800	$570	Braga..... «	8-42	11-10	6-48

COMBOIOS DESCENDENTES

Valença.....	Part.	3	41	m.	11	18	m.	—	
Vianna.....	«	5	42	«	1	18	t.	4 0	t.
Braga.....	«	6	40	«	2	14	«	5 14	t.
Porto.....	Cheg.	9	6	«	4	40	«	8 10	t.

CAMINHO DE FERRO DO DOURO

Kilometros	Preços por classes			Estações		Comboios	
	1.ª	2.ª	3.ª			Corr.º — Manhã	Mixto — Tarde
	—	—	—	Porto.....	Part.	8-45	3-15
5	120	90	70	Rio Tinto...	Cheg.	8-54	3-24
9	180	140	100	Ermezinde...	»	9- 6	3-31
16	340	240	170	Vallongo....	»	9-30	3-57
26	500	390	280	Recarei.....	»	9-53	4-19
31	590	460	330	Cette.....	»	10- 5	4-31
35	670	520	370	Paredes	»	10-17	4-44
39	740	580	410	Penafiel	»	10-28	4-56
46	870	680	490	Cahide	»	10-50	5-16
52	990	770	550	Vilia Meã...	»	11- 5	5-31
61	1$160	900	650	Marco.....	»	11-26	5-54
66	1$250	980	700	Juncal.....	»	11-39	6- 7
73	1$380	1$080	770	Mosteiro....	»	12- 1	6-31
79	1$500	1$170	830	Aregos.....	»	12-21	6-51
85	1$610	1$250	900	Ermida.....	»	12-42	7-14
92	1$740	1$360	970	Barqueiros..	»	1- 7	7-37
99	1$880	1$460	1$040	Moledo	»	1-26	7-57
104	1$970	1$530	1$100	Regoa.....	»	1-40	8-22
113	2$140	1$670	1$190	Covellinhas..	»	2-37	—
120	2$270	1$770	1$260	Ferrão.....	»	2-57	—
127	2$410	1$870	1$340	Pinhão	»	3-15	—

Os comboios descendentes, partem de Pinhão ás 10 h. e 7 m. da m. e chegam ao Porto ás 4 h. e 40 m. da t.

PREÇOS DOS THEATROS DE LISBOA

S. CARLOS

Frizas, com 5 entradas	7$500	Superior, com entrada	1$200
1.ª ordem, idem.....	7$500	Geral, idem.....	800
2.ª » idem.....	5$000	Galerias, idem.....	500
3.ª « idem.....	3$000	Varandas.....	300
Torrinhas, idem.....	2$000	Entrada geral no salão	200

D. MARIA II

Frizas, 5 entr.	3$000 e 3$500	Cadeiras (filas 6.ª a 10.ª)	600
1.ª ordem, idem	3$500	Superior	500
2.ª « idem	2$250	Geral	300
3.ª « idem	1$200	Varandas	160
Cadeiras (filas 1.ª a 5.ª)	700	Entrada no salão	100

TRINDADE

Frizas	2$000 e 3$000	Balcão	700
1.ª ordem	3$000 e 3$500	Cadeiras	600
2.ª «	1$800, 2$000 e 2$500	Superior	400
		Geral	250
3.ª «	1$000	Varandas	150

GYMNASIO

Frizas	2$000	Cadeiras	600 e 500
1.ª ordem	3$000 e 3$500	Superior	400 e 300
2.ª «	2$000 e 2$500		
3.ª «	1$200	Geral	100

RECREIOS

1.ª ordem, fechados	3$500	Fauteuils	600
Ditos abertos	2$500 e 3$000	Superior	400
2.ª ordem	1$500 e 2$000	Geral	250

PRINCIPE REAL

Frizas	1$500 e 2$500	Reservados	500
1.ª ordem	2$500 e 3$000	Cadeiras	400
2.ª «	1$500 e 2$000	Superior	300
		Geral	300 e 200
3.ª «	1$000	Galeria	200 e 120

RUA DOS CONDES

Frizas	800, 1$000, 1$200, 1$300, 1$400, 1$500 e 1$800	3.ª ord.	800, 1$000 e 1$200
		Cadeiras	500
		Superior numerada	400
1.ª ord.	1$800, 2$000, 2$500 e 3$000	Superior	300
		Geral frente	200
2.ª «	1$300, 1$600, 1$800, 2$000 e 2$250	Geral	100
		Varandas	120

REGISTRO THEATRAL

Peças que subiram á scena em 1.ª representação nos theatros de Lisboa durante a epocha de 1879-1880

THEATRO DE D. MARIA II

3 de Novembro—ROSA MIGUEL—dr. em 5 act. trad. de R. Cordeiro.
3 de Novembro—HEI-DE SER DEPUTADO—com. em 1 act. orig. de J. Rocha.
29 de Novembro—COQ HARDY—dr. em 5 act. trad. de J. de Seguier.
20 de Dezembro—DORA dr. em 5 act. trad. de C. Carvalho.
27 de Janeiro—O SEGREDO DE MISS AURORA—dr. em 5 act. trad. de R. da Camara.
8 de Fevereiro—O TIO PADRE—com. em 2 act. imit. de B. Machado.
8 de Fevereiro—SAFA!... QUE SUSTO—com. em 1 act. imit. de M. e Costa.
26 de Fevereiro—AS DUAS DAMAS—dr. em 3 act. trad. de P. Chagas.
26 de Fevereiro—OS SAPATINHOS DE BAILE—com. em 1 act. trad. de Q. Chaves.
18 de Março—CAUSAS E EFFEITOS—dr. em 5 act. trad. de J. de Seguier.
30 de Março—A CASA DE CAMPO—com. em 1 act. imit. de A. de Menezes.
5 de Abril—DEPOIS DO BAILE—com. em 1 act. orig. de J Vieira.
17 de Abril—UM HEROE DO CHIADO—com. em 3 act. orig. de M. Cabral.
17 de Abril—A MANTILHA DE RENDA—com. em 2 act. orig. de F. Caldeira.
29 de Abril—O NONO MANDAMENTO—com. em 3 act. trad. de Q. Chaves.
11 de Maio—OS BURGUEZES DE PONTARCY—dr. em 5 act. trad. de C. d'Aguiar.

20 de Maio—O FILHO DE CORALIA—dr. em 4 act. trad. de P. Chagas.
8 de Junho—CAMÕES—dr. em 5 act. orig. de C. Jardim.

THEATRO DA TRINDADE

11 de Setembro—GRAZIELLA—op. em 3 act. mus. de C. Lecocq, trad. de F. Palha e Leoni.
11 d'Outubro—BABIOLE—op. em 3 act. mus. de L. Vasseur, trad. de Leoni.
22 de Novembro—MADAME FAVART—op. em 3 act. mus. de J. Offenbach, trad. de E. Garrido.
3 de Janeiro—A PERICHOLE—op. em 3 act. mus. de J. Offenbach, trad. de Leoni.
21 de Fevereiro—O GRANDE CASIMIRO—op. em 4 act. mus. de C. Lecocq, trad. de P. Chagas.
28 de Abril—ORPHEO NO INFERNO—op. em 4 act. mus. de J. Offenbach, trad. de E. Garrido.
26 de Junho—O MEDICO COR DE ROSA—op. em 4 act. mus. de F. Ricci, trad. de A. Abranches e G. Celestino.

THEATRO DO GYMNASIO

8 de Outubro—FILHA E MÃE—dr. em 5 act. trad. de J. A. Lopes.
30 de Outubro—O SARGENTO-MÓR DE VILLAR—dr. em 5 act. orig. de A. Garraio.
6 de Dezembro—DIZ-SE—com. em 4 act. orig. de G. Lobato.
6 de Dezembro—PARIS EM LISBOA—com. em 1 act. orig. de C. M. Cabral.
15 de Dezembro—(Companhia de opera comica)—BELDEMONIO—op. em 3 act. mus. de F. Alvarenga, trad. de J. de Mendonça e A. d'Oliveira.
23 de Dezembro—DINHEIRO DO DIABO—dr. em 3 act. trad. de C. de Miranda.
23 de Dezembro—SCENAS DE TRAGEDIA—com. em 1 act. orig. de L. Teixeira.
30 de Dezembro—O TUNNEL—com. em 2 act. trad. de G. Lobato.
17 de Janeiro—O PROCESSO LEROUGE—dr. em 6 act. trad. de C. Borges.

24 de Janeiro—O CAMARIM DA ACTRIZ—com. em 1 act. orig. de U. de Castro.
6 de Fevereiro—O BEBÉ—com. em 3 act. trad. de P. Chagas.
6 de Fevereiro—PURGATORIO DE CASADOS—com. em 2 act. imit. de M. d'Azevedo.
6 de Março—ESCANDALOS D'HONTEM—com. em 3 act. trad. de G. Lobato.
23 de Março—Á ESPERA DO ESTALINHO—sc. com. orig. de D. Monteiro.
3 de Abril—O INCENDIARIO DA PATRIARCHAL—dr. em 6 act. orig. de L. Bastos.
24 de Abril—PARENTES E TRASTES VELHOS, com. em 3 act. trad. de P. Chagas.
11 de Maio—A SCENTELHA—com. em 1 act. trad. de G. Torrezão.
19 de Maio—A PERFUMISTA—dr. em 6 act. trad. de J. J. Annaya.

THEATRO DO PRINCIPE REAL

28 de Setembro—O CAPITÃO MALDITO—dr. em 5 act. original de S. Bastos.
9 d'Outubro—O AVARENTO PRODIGO—com. em 3 act. trad. de J. Gama.
9 d'Outubro—O NEGOCIO DA ZAMBEZIA—com. em 1 act. trad. de A. de Menezes.
16 d'Outubro—O QUE ELLE FAZ... FAÇO EU—com. em 1 act. orig. de J. Howorth.
31 d'Outubro—A FAVORITA DO REI—com. em 5 act. trad. de J. A. d'Oliveira.
8 de Novembro—OS DRAMAS DA TABERNA—dr. em 5 actos, imit. de S. Bastos.
10 de Dezembro—OS NOSSOS RENDIMENTOS—com. em 4 act. imit. de S. Bastos
10 de Janeiro—REVISTA DO ANNO DE 1879—em 3 act. orig. de S. Bastos.
28 de Janeiro—O PRESENTE DE MEU SOGRO—com. em 1 act. imit. de S. Bastos.
5 de Fevereiro—A FALSA ADULTERA—dr. em 5 act. trad. de J. Gama.

26 de Fevereiro—ESTAR DOIDO SEM ESTAR DOIDO—com. em 1 act. orig. de L. d'Araujo.
1 de Março—A ESCRAVA BRANCA—dr. em 5 act. trad. de S. Bastos.
20 de Março—O CENTENARIO—dr. em 5 act. trad. de S. Marques e S. Bastos.
10 d'Abril—A NAVALHA—dr. em 5 act. orig. de S. Bastos.
1 de Maio—A BOCCA DO INFERNO—dr. em 5 act. trad. de F. Coelho.
3 de Junho—A FADA DE CORAL—mag. em 3 act. imit. de S. Bastos.
3 de Julho—NINICHE—vaud. em 3 act. trad. de S. Bastos.
31 de Julho—O CUCO—com. em 3 act. trad. de S. Bastos.
7 d'Agosto—OS LANCEIROS—vaud. em 1 act. trad. de A. de Menezes e A. Antunes.
18 de Setembro—A FILHA DO TAMBOR-MÓR—op. com. em 3 act. trad. de S. Bastos.

THEATRO DA RUA DOS CONDES

27 de Setembro—OS TYPOGRAPHOS—dr. em 5 act. imit. de A. Chaves e D. J. Carcomo.
25 de Outubro—LORD CANALHA—dr. em 5 act. trad. de S. Marques.
20 de Dezembro—A FILHA DO CONDEMNADO—dr. em 5 act. trad. de A. Menezes.
15 de Janeiro—O DOMADOR DE FERAS—dr. em 5 act. trad. de S. Marques.
14 de Fevereiro—O SIGNO DE SALOMÃO—peça phant. em 5 act. de G. Lobato e S. Marques.
20 de Março—O ESPELHO DA VERDADE—peça phant. em 5 act. imit. de A. Garraio
5 de Maio—O CORSARIO VERMELHO—dr. em 5 act. trad. de S. Marques.
30 de Maio—VIAGEM AO REINO DA LUZ—peça phant. em 4 act. orig. de A. Chaves.

NOVA LEI DO SELLO

Acções ou titulos e obrigações de companhias ou associações mercantis de qualquer natureza, dos districtos, camaras municipaes e de quaesquer estabelecimentos publicos, por cada acção ou obrigação de valor:

Até 10$000	$020
De 10$000 até 50$000 réis	$050
De 50$000 até 100$000 réis	$100
De mais de 100$000, por cada 100$000 réis	$100

Quando mais de uma acção ou obrigação se comprehender em um só titulo, pagar-se-ha o sêllo correspondente a todas a acções que contiver.

Recibos entre particulares, ou passados por particulares ao estado, a camaras municipaes, estabelecimentos de piedade ou beneficencia, facturas com quitação de qualquer natureza ou proveniencia e outros quaesquer titulos ou documentos:

De 2$000 a 100$000 réis	$020
De 100$000 a 1:000$000 réis	$050
De 1:000$000 réis para cima	$200
Quando o valor não for conhecido	$200

Recibos dos vencimentos de qualquer natureza das classes activas e inactivas, pagos pelo estado; dos empregados das camaras municipaes, misericordias, hospitaes, e de outros estabelecimentos publicos subordinados ao governo; os dos pensionistas dos monte-pios ou caixas economicas; os dos respectivos empregados; os dos accionistas, com respeito aos dividendos ou juros que recebam dos bancos ou companhias, os dos vencimentos dos empregados d'esses bancos ou companhias; e os dos juristas, com relação aos juros que recebam dos titulos de divida fundada:

De 5$000 até 20$000 réis	$020
De 20$000 até 50$000 réis	$030
De 50$000 até 100$000 réis	$050
De 100$000 até 200$000 réis	$100

De mais de 200$000 por cada 100$000 réis, desprezada qualquer fracção que não attingir 100$000 réis $050

Papeis, livros e documentos que não forem sujeitos ao imposto do sêllo, que contenham assignaturas, quando estas careçam de ser reconhecidas por tabellião, por cada reconhecimento, ainda que comprehenda mais de uma assignatura $060

Reconhecimento em papel sellado $010

Reconhecimento em papel não sellado $060

Cheques ou ordens sobre banqueiros, com designação de pessoa certa a favor de quem foram passados, vales e ordens do correio, titulos de mutuo, confissão de divida e usura, incluindo as escripturas, quitação por escriptura, ainda mesmo sendo objecto incidente, secundario ou accessorio da escriptura, comprehendendo a quitação que o vendedor dá ao comprador nos contractos de compra e venda:

De 5$000 até 20$000 réis $020
De 20$000 até 50$000 réis $040
De 50$000 até 100$000 réis $060
De 100$000 até 500$000 réis $100
De 500$000 até 1:000$000 réis $200
Cada 1:000$000 réis mais, desprezada qualquer fracção $200

Cheques ao portador, sendo á vista, por cada um $020

Letras da terra, livranças, notas promissorias, ordens e letras saccadas entre praças do reino e ilhas, escriptos de qualquer natureza, nos quaes se determine pagamentos ou entregas de dinheiro com clausula á ordem ou a disposição, ainda que sob fórma de correspondencia epistolar, tudo isto, sendo á vista e até oito dias de praso:

De 5$000 até 20$000 réis $020
De 20$000 até 50$000 réis $050
De 50$000 até 300$000 réis $100
De 300$000 até 500$000 réis inclusivè $200
Cada 500$000 ou fracção de 500$000 réis a mais. $100

Fretamento para os portos do continente do reino .. 1$000

Fretamentos para outros portos ou sem declaração de logar ..... 3$000
Conhecimentos de carregações maritimas, que se apresentarem para se effeituarem os despachos de importação $060
Conhecimentos de carregações maritimas juntos ao manifesto de carga ou despacho de saida das embarcações, cada um $060
Documentos que substituirem os conhecimentos $060
Pertences em separado dos mesmos conhecimentos, cada um $100
Divisões d'estes pertences, cada uma $020
Protestos de letras 200 réis, além do sello do papel, por cada meia folha $060
Cartas de partilhas entre socios, cada uma ..... 1$000
Conhecimentos, guias, cautelas ou outro documento de transporte, por via fluvial, por via ferrea ou outra via terrestre, por cada um $020
Guias de bagagens de passageiros, por via maritima e por via ferrea, por cada uma $010
Conhecimentos das contribuições em relação ao valor d'estas ..... 2 %
Precatorias para levantamento de quantias ou outros valores depositados, 1 por mil.
Bilhetes de entrada pessoal nos theatros ou recintos de espectaculos publicos:
Quando o theatro, circo, praça, jardim ou salão tiver numero de logares fixos, e a importancia total d'estes logares não exceder a 200$000 réis, cada bilhete $010
De 200$000 a 450$000 réis, idem $020
Sendo superior a 450$000 réis, idem $040
Quando o valor fôr desconhecido:
Sendo jardim $010
Sendo circo ou praça $020
Sendo theatro ou salão $040
Annuncios em qualquer periodico, incluindo o *Diario do Governo*, ou em qualquer livro ou folheto, cartazes ou por qualquer outra fórma, por cada um $010

COMPUTO ECCLESIASTICO

Aureo numero	1	Epacta	30
Cyclo solar	14		
Indicção romana	9	Letra dominical	B.

ESTAÇÕES DO ANNO

Primavera	20 de março	Outono	22 de setembro
Estio	21 de junho	Inverno	21 de dezembro

FESTAS MOVEIS

Septuag.	13 de fevereiro	Espirito Santo	5 de junho
Cinza	2 de março	SS. Trindade	12 «
Paschoa	17 de abril	Corpo de Deus	16 «
Rogações	23, 24 e 25 de maio	Coração de Jesus	24 «
Ascenção	26 de maio	Advento	27 de nov.

TEMPORAS

Março	9, 11 e 12	Setembro	21, 23 e 24
Junho	8, 10 e 11	Dezembro	14, 16 e 17

ECLIPSES

27 DE MAIO—Eclipse do sol invisivel em Lisboa.

12 DE JULHO—Eclipse da lua, parte visivel em Lisboa.
Primeiro contacto externo ás 4 h. e 36 m. da manhã.
Primeiro contacto interno ás 5 h. e 39 m.
Minima distancia ás 6 h. e 19 m.
Segundo contacto interno ás 8 h. e 59 m.
Segundo contacto externo ás 8 h. e 2 m.
Grandeza do eclipse 16 dig.

7 DE NOVEMBRO—Passagem de Mercurio por diante do sol, invisivel em Lisboa.

21 DE NOVEMBRO—Eclipse annular do sol invisivel em Lisboa.

5 DE DEZEMBRO—Eclipse parcial da lua parte visivel em Lisboa.
Principio do eclipse ás 2 h. e 53 m. da tarde.
Maxima phase ás 4 h. e 34 m.
Fim ás 6 h. e 15 m.
Grandeza 11 dig.

Janeiro — 31 dias

1 Sab. ✠ Circumcisão do Senhor. Gr. gala.
2 Dom. S. Izidoro, B. M.
3 Seg. S. Antero, P. M.
4 Terç. S. Gregorio, B.
5 Quart. S. Simeão Estelita.
6 Quint. ✠ Os Santos Reis, magos.
7 ☽ Sext. S. Theodoro, monge. *Acabam as ferias.* Q. cresc. ás 7 h. e 35 m. da manhã.
8 Sab. S. Lourenço Justiniano, Patr.
9 Dom. (1.º depois dos Reis) N. Sr.ª de Jesus. S. Julião, M.
10 Seg. S. Paulo, 1.º Eremita, S. Gonçalo de Amarante, D.
11 Terç. S. Hygino, P. M. S. Honorata, V.
12 Quart. S. Satyro, M. S. Taciana, M.
13 Quint. S. Hilario, B. e Dr. da egr.
14 Sext. S. Felix, M.
15 ☾ Sab. S. Amaro, Ab. L. cheia ás 11 h. da manhã.
16 Dom. (2.º) O Santissimo Nome de Jesus.
17 Seg. S. Antão, Ab.
18 Terç. A Cadeira de S. Pedro em Roma. S. Prisca, V. M.
19 Quart. S. Canuto, rei da Dinamarca.
20 Quint. S. Sebastião, M.
21 Sext. S. Ignez, V. M.
22 Sab. (✠ no Patr. e no Alg.) S. Vicente, Padr. de Lisboa e do Algarve. Pontifical na Sé.
23 ☾ Dom. (3.º) Os Desposorios de N. Senhora com S. José. Q. ming. ás 8 h. e 13 m. da manhã.
24 Seg. N. Senhora da Paz. S. Timotheo, B.
25 Terç. A Conversão de S. Paulo, Ap.
26 Quart. S. Polycarpo, B. M. S. Paula, viuva.
27 Quint. S. João Chrysostomo, B. Dr.
28 Sext. S. Cyrillo, B.
29 Sab. S. Francisco de Salles, B. e Dr. da Egr.
30 ● Dom. (4.º) S. Martinha, V. L. nova aos 14 m. da m.
31 Seg. S. Pedro Nolasco. S. Cyro, M.

Fevereiro — 28 dias

1 Terç. S. Ignacio M. B. S. Brigida, V.
2 Quart. ✠ Purificação de N. Senhora.
3 Quint. S. Braz, B. M.
4 Sext. S. André Corsino, B. C.
5 Sab. S. Agueda, V. M.
6 ☽ Dom. As Chagas de Christo. Q. cresc. aos 20 m. da manhã.
7 Seg. Romualdo, Ab.
8 Terç. S. João da Matta.
9 Quart. S. Apolonia, V. M.
10 Quint. S. Escolastica, V. S. Guilherme.
11 Sext. S. Lazaro, B.
12 Sab. S. Eulalia, V. M.
13 Dom. da Septuag. S. Gregorio II P.
14 ● Seg. S. Valentim M. L. cheia ás 5 h. e 50 m. da manhã.
15 Terç. Trasl. de S. Antonio. Os Ss. Faustino e Jovita.
16 Quart. S. Porphyrio, M.
17 Quint. S. Faustino, M. Faz 36 annos a Ser. Senhora D. Antonia, irmã d'El-Rei.
18 Sext. S. Theotonio, S. Simão. B. M.
19 Sab. S. Conrado, F.
20 Dom. da Sexag. S. Eleuterio, B. M
21 ☾ Seg. S. Maximiano, B. S. Angela de Mericia, V. F. Q. ming. ás 6 h. e 56 m. da tarde.
22 Terç. S. Margarida de Cortona.
23 Quart. S. Lazaro, monge. S. Pedro Damião, B. e Card.
24 Quint. S. Mathias, Ap. S. Sergio, M.
25 Sext. S. Cesario.
26 Sab. S. Torquato, Arc. de Braga.
27 Dom. da Quinquag. S. Leandro, Arc. de Sevilha.
28 ○ Seg. S. Romão, Ab. L. nova ás 10 h. e 58 m. da manhã.

Março — 31 dias

1 Terç. (Entrudo) S. Adrião, M.
2 Quart. de Cinza. S. Simplicio, P.
3 Quint. S. Hemeterio. S. Marinho, soldado, M.
4 Sext. S. Casimiro. S. Lucio, P. M.
5 Sab. S. Theophilo, A. S. João José F.
6 Dom. (1.º da quaresma) S. Ollegario, B.
7 ☽ Seg. S. Thomaz d'Aquino. Q. cresc. ás 7 h. e 28 m. da tarde.
8 Terç. S. João de Deus.
9 Quart. (Temp.) S. Francisca Romana, viuva.
10 Quint. S. Militão e 39 Comp. Mm.
11 Sext. (Temp.) S. Candido, M. Proc. dos Passos da Graça.
12 Sab. (Temp.) S. Gregorio, P. e Dr. da Egr.
13 Dom. (2.º) A. B. Sancha, Inf. de Portugal.
14 Seg. S. Mathilde. Trasl. de S. Boaventura.
15 ☾ Terç. S. Zacharias P. L. cheia ás 10 h. e 3 m. da t.
16 Quart. S. Cyriaco, M.
17 Quint. S. Patricio, Ap. da Irlanda.
18 Sext. S. Gabriel Arch.
19 Sab. S. José, esposo de N. Senhora.
20 Dom. (3.º) S. Martinho Dumiense. Começa a PRIMAVERA.
21 Seg. S. Bento, Ab.
22 Terç. S. Emygdio, B. M.
23 ☽ Quart. S. Felix e seus Comp. Mm. Q. ming. ás 2 h. e 55 m. da manhã.
24 Quint. Inst. do SS. Sacramento. S. Marcos, M.
25 Sext. ✠ Annunciação de N. Senhora.
26 Sab. S. Ludgero B.
27 Dom. (4.º) S. Roberto, M. S. Augusta, V. M.
28 Seg. S. Alexandre, M.
29 ● Terç. S. Victorino e seus Com. Mm. L. nova ás 9 h. e 38 m. da tarde.
30 Quart. S. João Climaco.
31 Quint. S. Balbina, V. M.

Abril — 30 dias

1 Sext. As Chagas de Santa Catharina de Sena.
2 Sab. S. Francisco de Paula. S. Maria Egypciaca.
3 Dom. da Paixão. S. Ricardo, B. S. Benedicto.
4 Seg. S. Izidoro, Arc. de Sevilha.
5 Terç. S. Vicente Ferrer, D.
6 ☽ Quart. S. Marcellino, M. Q. cresc. ás 3 h. e 20 m. da t.
7 Quint. S. Epiphanio, B. M.
8 Sext. As Sete Dores de N. Senhora. S. Amancio, B.
9 Sab. S. Hugo, B. Trasladação de Santa Monica.
10 Dom. de Ramos. S. Ezequiel, P. Proc. dos Terc. do Carmo.
11 Seg. S. Leão I. *Principiam as ferias até os Prazeres.*
12 Terç. S. Victor. Portug.
13 Quart. (Trevas) S. Hermenegildo, M.
14 ☾ Quint. (Endoenças) (✠ do meio dia em diante) Ss. Tiburcio e Valeriano. Mm. L. cheia ás 11 h. e 16 m. da m.
15 Sext. (Paixão) (✠ até o meio dia) Ss. Basilissa e Anastacia, Mm. Proc. do Enterro na Graça e Santa Joanna.
16 Sab. (Alleluia) S. Engracia, V. M. Port.
17 Dom. de Paschoa ✠ S. Aniceto, P. M. Pequena gala.
18 Seg. (1.ª oitava) S. Gualdino, B. e Card.
19 Terç. (2.ª oitava) S. Hermogenes, M.
20 Quart. S. Ignez de Montepoliciano, V. D.
21 ☾ Quint. S. Anselmo, Arc. de Cantuaria. Proc. da Saude. Q. ming. ás 9 h. e 4 m. da manhã.
22 Sext. Os Ss. Sotero e Caio, M.
23 Sab. S. Jorge, M. def. do reino.
24 Dom. de Paschoela. Fugida de N. Senhora para o Egypto.
25 Seg. N. Senhora dos Prazeres. *Acabam as ferias.*
26 Terç. S. Pedro de Rates, M.
27 Quart. S. Tertuliano, B.
28 ☾ Quint. S. Vital, M. L. nova ás 9 h. e 50 m. da m.
29 Sext. S. Pedro Martyr. Outorga da Carta Constitucional. Gr. gala e cortejo.
30 Sab. S. Catharina de Sena, V. D.

Maio — 31 dias

1 Dom. do Bom Pastor. Matern. de N. Senhora. S. Filippe. Nome de El-Rei o Sr. D. Luiz. Peq. gala.
2 Seg. S. Athanasio, B.
3 Terç. Invenção da S. Cruz.
4 Quart. S. Monica, viuva, mãe de Santo Agostinho.
5 Quint. Conversão de S. Agostinho S. Pio, v. P. D.
6 ☽ Sext. S. João Damasc. Q. cresc. ás 10 h. e 10 m. da m.
7 Sab. S. Estanislau, B. M. S. Augusto, M.
8 Dom. (3.º) Patrocinio de S. José. Appar. de S. Miguel Arc.
9 Seg. S. Gregorio Nazianzeno, B. e Dr. da Egr.
10 Terç. S. Antonino, Arc. de Florença. D.
11 Quart. S. Anastacio, M.
12 Quint. S. Joanna, Princeza de Portugal, V. D.
13 ○ Sext. N. Senhora dos Martyres. S. Pedro Regalado. L. cheia ás 9 h. e 50 m. da tarde.
14 Sab. S. Gil, D. S. Bonifacio, M.
15 Dom. (4.º) S. Izidoro, lavrador.
16 Seg. S. João Nepomuceno, M.
17 Terç. S. Paschoal Baylão, F.
18 Quart. S. Venancio, M.
19 Quint. S. Pedro Celestino, P.
20 ☾ Sext. S. Bernardino de Sena, F. Q. ming. ás 2 h. e 33 m. da tarde.
21 Sab. S. Manços, M.
22 Dom. (5.º) S. Rita de Cassia, viuva. S. Quiteria, V. M.
23 Seg. (Rogações) S. Basilio, Arc. de Braga.
24 Terç. (Rogações) N. Senhora Auxiliadora. S. Afra, M.
25 Quart. (Rogações) S. Gregorio VII, P.
26 Quint. ✠ Ascenção do Senhor. S. Filippe Nery.
27 Sext. S. João, P. M. L. nova ás 11 h. e 2 m. da tarde.
28 Sab. S. Germano. B.
29 Dom. S. Maximo, B. S. Theodosia, viuva.
30 Seg. S. Fernando. Nome de El-rei o Sr. D. Fer. Peq. gala.
31 Terç. S. Petronilla, V.

Os pastores do Minho

Os pastores são rapazes e raparigas. Estas levam a sua tarefa de lã para fiar no monte, ao mesmo tempo vigiam as rêzes. Em compensação os rapazes tomam o encargo de ajuntar o gado, quando elle foge.

Porém as cabras depois de começarem na pastagem. não ha grande perigo em que se dispersem. Os cães adrede ensinados, vigiam sufficientemente até para as livrar do lobo.

O passadio dos pastores é simples. Quando vão para o monte acompanha-se cada um da sua tigella de barro enegrecido pelos annos e leva a brôa, dentro de um pequeno sacco. O leite ordenhado das cabras e o pão migado, dão-lhes a alimentação. Poucas vezes tem outro presigo. Matam a sede bebendo nos frescos veios, que serpeiam por entre as hervas miudas e finas dos fartos giestaes. Para isso põem-se de bruços, com o peito collado á terra, na posição dos que teem uma dôr no ventre.

A's vezes tem os seus divertimentos, os seus jogos. A tendencia para tentar fortuna, de caminhar para um desconhecido mais vistoso, é uma das mais expotaneas do espirito do homem. Os pastores jogam o *bicho a formas* que arrancam das suas calças. Para isso collocam as *formas* sobre um pequeno sylindro de pau, está com uma das bases para o alto, e atiram-lhes d'um ponto convencionado com as suas *petisculas*, que são bocados de telha ou de pedra em forma de lasca. Quando algum acerta no bicho, as fôrmas espalham-se.

Conforme estiverem mais perto de uma das petisculas ou do bicho, assim são ganhas por um ou por outro. As que pertencerem ao bicho serão questionadas, atirando novamente cada um com a sua petiscula.

Outras vezes, preparam as rusticas flautas de cana, tirando sons d'uma insupportavel harmonia.

Tambem passam muitas horas dormindo, confiando o rebanho á vigilante guarda dos seus cães.

Quando algum d'estes rapazes não póde, por ter outro serviço, acompanhar o seu rebanho, recommenda-o aos companheiros. Em certos logares, está convencionado o ir em cada dia, um ou dois pastores somente, os necessarios, com os rebanhos visinhos. Segue então um turno, como as sentinellas. As cabras estão habituadas por tal fórma a isto, que vindo em globo, em grande confusão, a modo que vão chegando á porta dos seus curraes, entram sem ser necessario separal-as.

A descida do monte é ao anoitecer, quando sobre os tectos de colmo paira um brando fumo azul.

Prepara-se depois o modesto caldo de azeite e unto, ou fazem as papas de leite e farinha milha, n'uma modesta vida patriarchal como a dos habitantes das vistosas montanhas helveticas.

TEIXEIRA DE QUEIROZ (BENTO MORENO).

Confidenzza

A minha alma, pomba! quando a beija
Do teu olhar a luz immaculada,
Tem as consolações que ella deseja,
A pobre encarcerada.

E como prezo um rouxinol se agita
Nas grades do seu cárcere, a voar,
Assim ella, tristissima, contricta,
Vem toda ao meu olhar...

JOAQUIM D'ARAUJO.

Da critica da musica dramatica

A critica de uma composição dramatica musical é uma cousa muito mais difficil daquillo que se me afigura que a maioria commum julga, e ponho os fun-

Agosto — 31 dias

1 Seg. S. Pedro *ad vincula*. Com. a feira de Belem.
2 Terç. Nossa Senhora dos Anjos. S. Estevão, P. M.
3 ☽ Quart. Invenção de S. Estevão, Proto-Martyr. Q. cresc. ás 4 h. e 8 m. da manhã.
4 Quint. S. Domingos.
5 Sext. Nossa Senhora das Neves.
6 Sab. Transfig. de Christo. S. Thiago, eremita.
7 Dom. S. Caetano. S. Alberto, C.
8 Seg. S. Cyriaco e seus Comp. Mm.
9 ☽ Terç. S. Romão, M. L. cheia ás 8 h. e 33 m. da tarde.
10 Quart. S. Lourenço, M.
11 Quint. Ss. Tiburcio e Susana, Mm.
12 Sex. S. Clara, V.
13 Sab. Ss. Hyppolito e Cassiano, Mm.
14 Dom. S. Eusebio. S. Athanasia, viuva.
15 Seg. ✠ Assumpção de Nossa Senhora.
16 ☾ Terç. S. Roque, F. Q. ming. ás 4 h. e 23 m. da t.
17 Quart. S. Mamede, M.
18 Quint. S. Clara de Monte Falco.
19 Sext. S. Luiz, B. F.
20 Sab. S. Bernardo, Ab.
21 Dom. S. Joaquim.
22 Seg. S. Thimoteo, M.
23 Terç. S. Filippe Benicio.
24 ☽ Quart. S. Bartholomeu, Ap. L. nova ás 8 h. e 11 m. da tarde.
25 Quint. S. Luiz, rei de França.
26 Sext. S. Zeferino, P. M.
27 Sab. S. José de Calazans.
28 Dom. O Sagrado Coração de Maria. Festa em Bellas.
29 Seg. Degolação de S. João Baptista.
30 Terç. S. Rosa de Lima, V. D.
31 Quart. S. Raymundo Nonnato, Card. *Acabam os caniculares.*

Setembro — 30 dias

1 ☽ Quint. S. Egydio, Ab. *Principiam as ferias.* Q cresc. á 1 h. e 28 m. da tarde.
2 Sext. S. Estevão, rei da Hungria.
3 Sab. S. Eufemia, V. M.
4 Dom. S. Rosa de Viterbo, V. F.
5 Seg. S. Antonino, M. A.
6 Terç. S. Libania, V. A.
7 Quart. S. João, M. S. Anastacio, M.
8 ○ Quint. Nativ. de N. Senhora. Peq. Gala. Feira na Luz. *Acabam as séstas.* L. cheia ás 4 h. e 5 m. da manhã.
9 Sext. S. Sergio, P. A.
10 Sab. S. Nicolau Tolentino.
11 Dom. O SS. Nome de Maria. S. Theodora.
12 Seg. S. Auta, V. M.
13 Terç. S. Filippe, M.
14 Quart. (Temp.) Exaltação da Santa Cruz.
15 ☾ Quint. S. Domingos. Q. ming. ás 7 h. 27 m. da m.
16 Sext. (Temp.) Trasladação de S. Vicente, M.
17 Sab. (Temp.) S. Pedro d'Arbués, M.
18 Dom. S. José de Cupertino.
19 Seg. S. Januario, B. M.
20 Terç. S. Eustaquio e seus Comp. Mm.
21 Quart. S. Matheus, Ap. e Ev.
22 Quint. S. Mauricio e seus Comp. Mm. Começa o Outono.
23 ● Sext. S. Lino, P. M. L. nova ás 11 h. e 20 m. da m.
24 Sab. Nossa Senhora das Mercês, S. Geraldo, B. M.
25 Dom. S. Firmo, B. M.
26 Seg. Ss. Cypriano e Justina, Mm.
27 Terç. Ss. Cosme e Damião, Mm.
28 Quart. S. Wenceslau, duque da Bohemia. Faz 17 annos o Sr. D. Carlos, Principe Real. Gr. gala, e cortejo.
29 Quint. S. Miguel Archanjo.
30 ☽ Sext. S. Jeronymo, Dr. da egr. *Acabam as ferias.* Q. cresc. ás 9 h. e 14 m. da t.

Outubro — 31 dias

1 Sab. Ss. Verissimo, Maximo e Julia, Mm.
2 Dom. O SS. Rosario de N. Senhora.
3 Seg. S. Candido, M. S. Maximiano, B.
4 Terç. S. Francisco de Assis.
5 Quart. S. Placido e seus Comp. Mm.
6 Quint. S. Bruno. Consorcio de SS. MM. Peq. gala.
7 ◑ Sext. S. Marcos, P. L. cheia á 1 h. e 25 m. da tarde.
8 Sab. S. Brigida, viuva.
9 Dom. N. Sr.ª dos Remedios. Com. a feira do Camp. Gr.
10 Seg. S. Francisco de Borja.
11 Terç. S. Firmino, B.
12 Quart. S. Cypriano, B. M.
13 Quint. S. Eduardo, rei de Inglaterra.
14 Sext. S. Calixto, P. M. S. Gaudencio, B. M.
15 ◐ Sab. S. Thereza, V. C. Q. ming. á 1 h. e 52 m. da m.
16 Dom. S. Martiniano, M. A. Faz 34 annos S. M. a Rainha. Gr. gala e cortejo.
17 Seg. S. Hedwiges, viuva.
18 Terç. S. Lucas Evangelista.
19 Quart. S. Pedro d'Alcantara.
20 Quint. S. Iria, V. M. S. João Cancio.
21 Sext. S. Ursula.
22 Sab. S. Maria Salomé.
23 ● Dom. S. João Capistrano. L. nova á 1 h. e 58 m. da m.
24 Seg. S. Raphael Archanjo. S. Fortunato, M.
25 Terç. Ss. Chrispim e Chrispiniano, Irms. Mm.
26 Quart. S. Evaristo, P. M. S. Luciano.
27 Quint. Os Martyres d'Evora. S. Elesbão.
28 Sext. S. Simão e S. Judas, Ap.
29 Sab. Trasladação de S. Isabel, rainha de Port. Faz 65 annos El-Rei o Sr. D. Fernando. Gr. gala.
30 ◑ Dom. S. Serapião. B. Q. cresc. ás 4 h. e 13 m. da m.
31 Seg. S. Quintino, M. Faz 43 annos El-Rei o Sr. D. Luiz I. Gr. gala e cortejo.

Novembro — 30 dias

1 Terç. ✠ Festa de Todos os Santos.
2 Quart. Com. dos Feis defuntos. S. Victorino, M.
3 Quint. S. Malaquias, B.
4 Sext. S. Carlos Borromeu. Faz 34 annos o Sr. Inf. D. Augusto. Peq. gala.
5 Sab. S. Zacharias e S. Izsabel.
6 ☾ Dom. S. Severo, B. M. L. cheia á 1 h. e 29 m. da manhã.
7 Seg. S. Florencio B.
8 Terç. S. Severiano e seus Comp. Mm.
9 Quart. Dedic. da Basilica do Salvador em Roma.
10 Quint. S. André Avellino.
11 Sext. S. Martinho, Bispo.
12 Sab. S. Martinho, P. M. S. Diogo, F.
13 ☾ Dom. S. Eugenio, B. Patrocinio de Nossa Senhora. Q. ming. ás 11 h. e 27 m. da tarde.
14 Seg. Trasladação de S. Paulo.
15 Terç. Dedic. da Real Bas. do SS. Coração de Jesus.
16 Quart. S. Valerio, M.
17 Quint. S. Gregorio Thaumaturgo, B.
18 Sext. Dedid. da Bas. dos Ss. Ap.
19 Sab. S. Isabel, rainha da Hungria, F.
20 Dom. S. Felix de Valois.
21 ● Seg. Apresentação de Nossa Senhora. L. nova ás h 3. e 47 m. da tarde.
22 Terç. Santa Cecilia, V. M.
23 Quart. S. Clemente, P. M. S. Felicidade, M.
24 Quint. S. João da Cruz, C. S. Chrysogono, M.
25 Sext. S. Catharina do Monte Sinay.
26 Sab. S. Pedro Alexandrino, B. M.
27 Dom. (1.º do adv.) S. Margarida de Saboya, viuva.
28 ☽ Seg. S. Gregorio III, P. Q. cresc. ás 11 h. e 27 m da m.
29 Terç. S. Saturnino, M.
30 Quart. S. André Ap.

Dezembro — 31 dias

1 Quint. S. Eloy, B. Acclamação de D. João IV em 1640. Peq. gala.
2 Sext. S. Bibiana, V. M.
3 Sab. S. Francisco Xavier.
4 Dom. (2.º) S. Barbara, V. M.
5 Seg. S. Geraldo, L. cheia ás 4 h. e 40 m. da tarde.
6 Terç. S. Nicolau.
7 Quart. S. Ambrosio, B. e Dr. da egr.
8 Quint. Nossa Senhora da Conceição.
9 Sext. S. Leocadia, M.
10 Sab. S. Melchiades, P. M.
11 Dom. (3.º) S. Damaso, Port.
12 Seg. S. Justino, M.
13 Terç. S. Luzia, V. M. Q. ming. ás 7 h. e 31 m. da t.
14 Quart. (Temp.) S. Agnello, Ab.
15 Quint. S. Eusebio, B. M.
16 Sext. As Virgens d'Africa, Mm.
17 Sab. (Temp.) S. Bartholomen de S. Geminiano.
18 Dom. Nossa Senhora do O. S. Esperidião C.
19 Seg. S. Fausta, mãe de S. Agostinho.
20 Terç. S. Domingos de Silos, Ab.
21 Quart. S. Thomé, Ap. L. nova ás 4 h. e 33 m. da manhã.
22 Quint. S. Honorato, M. Começa o Inverno.
23 Sext. S. Servulo.
24 Sab. S. Gregorio, M. *Ferias até os Reis.*
25 Dom. Nasc. de N. Senhor Jesus Christo. Peq. gala.
26 Seg. (1.ª oit.) S. Estevão, Proto-martyr.
27 Terç. (2.ª oit.) S. João, Ap. e Evang. Q. cresc. ás 8 h. e 7 m. da tarde.
28 Quart. (3.ª oit.) Os Ss. Innocentes, Mm.
29 Quint. S. Thomaz, Arc. de Cantuaria, M.
30 Sext. S. Sabino, B. M.
31 Sab. S. Silvestre, P. Peq. gala.

Secção Camoneana

Reflexos do centenario

Existem;—quer os malevolos queiram, quer não. E hão de por largo espaço illuminar com fulgidos clarões esta sociedade portugueza, a quem só a politica sacudia o indifferentismo, a quem só o prazer galvanisava por instantes.

Não pode duvidar-se de que accordou. Attestam-n'o dous factos, dous factos de grande alcance social, — aquelles reflexos, — que se auréolam as chronicas da patria, fazem tambem surgir das brumas do futuro a epopéa do trabalho portuguez.

Dous factos: — a affirmação do prestigio da imprensa, isto é, o reconhecimento d'uma força nova: — o accordo das associações de trabalho, de propaganda, de soccorro mutuo, isto é, o impulso maximo, enorme, fecundo, ao progresso na arte, ao progresso na sciencia, ao progresso na moral.

S'entre-aider c'est s'entre-aimer, disse Victor Hugo. Pois a confraternisação da imprensa com o povo, e a das associações entre si, deve ser, tem de ser fatalmente, o primeiro capitulo d'esse genesis sublime, onde se escreverá o resurgimento da raça portugueza.

A imprensa é, sem duvida, o grande écco comovente da consciencia popular; o povo é o immenso e laborioso cadinho; onde, sob o dedo d'aquelle sombrio alchimista, — sob o impulso d'aquella consciencia—, refervem as civilisações do futuro.

Eis porque a alliança do povo com a imprensa é con-

digno florão da corôa que Portugal depôz no monumento do seu poeta.

O que é o pacto das associações, que com diversos fins todas lidam por engrandecer a Patria? — a unificação consciente e desinteressada de mil energias, que nem se conheciam, uma combinação maravilhosa de movimentos para destruir a inercia, arredar as resistencias, supprimir os obstaculos, o descobrimento novo d'uma potencia nova, que só ella póde fazer — o trabalho nacional!

Isto, estes assombros, estes dous monumentos, estas duas columnas votivas, estes pharoes do hodierno *mar tenebroso*, que precisamos devassar, ergueu-os a apotheose camoneana, levantou-os sobre o quietismo geral a iniciativa do centenario.

Que todos os numerosissimos operarios de tão grandiosa fundação se dediquem a consolidal-a a tornal-a prolifica.

E mais uma vez o nome de Camões attestará ao mundo o que é, e o que vale uma raça de heroes.

J. C. RODRIGUES DA COSTA.

Um pensamento

Antes de tudo a honra, depois da honra a familia, depois da familia a patria, depois da patria a humanidade.

EDUARDO COELHO.

A proposito do Centenario

Os *centenarios*, os *congressos* e as *exposições* constituem presentemente, na historia de uma nacionalidade; as tres principaes phases da sua civilisação.

O centenario de Camões mostrou com factos irrecusaveis e scientificos que o povo portuguez não é indifferente aos movimentos da democracia moderna.

A unica cousa a fazer é acordar-lhe a consciencia para as grandes luctas do progresso, educando-o e disciplinando-o sensatamente. E depois o tempo por si se encarregará de completar esta grande obra do seculo XIX, que é tambem a obra da sciencia e da humanidade trabalhadora.

MAGALHÃES LIMA.

Uma poesia inedita de Camões

Como todos sabem, as poesias lyricas de Camões foram colligidas por Estevam Lopes, Serepita, Domingos Fernandes, Faria e Sousa e D. Antonio Alvares da Cunha, de despedaçados manuscriptos do fim do seculo XVI e de copias do seculo XVII; algumas d'essas poesias já se achavam ou publicadas em nome de outros poetas, ou ineditas tambem sob a attribuição de outros auctores. É difficil estabelecer uma incontraversa authenticidade n'esta parte dos escriptos de Camões; ha porém referencias pessoaes, sentimento e estylo que são quasi a prova plena da sua origem. Em um fragmento de Cancioneiro quinhentista que se guarda na Academia das Sciencias encontrámos varias composições lyricas já publicadas em nome de Camões, e outras ainda ineditas, mas tão bellas, tão sentidas, tão camoneanas, que o seu estudo nos leva a inferir que esse fragmento de Cancioneiro é o que pertenceu a Manoel Godinho, do qual falla Faria e Sousa. Transcreveremos umas inimitaveis redondilhas ineditas, e ver-se-ha, quem, no ultimo quartel do seculo XVI, ou mesmo na epoca brilhante dos serões do paço, era capaz de attingir essa graça, distincção e sentimento, senão Camões. Deixamos o resto da prova á belleza inimitavel das redondilhas que seguem.

THEOPHILO BRAGA.

MOTE

Fruito que aves não puderam
Colher de planta tão alta,
Minhas proprias mãos colheram,
Que seus ramos se abateram
Por supprirem minha falta.

GLOSA

Num valle florido e verde
Huma arvore se alevanta,
Tão alto que nos espanta
E nunqua seu fruito perde.
Meus olhos lhe offereceram
O desejo por tão bella,
E pude emfim colher d'ella
Fruito que aves não puderam.

Aves que os ares cortavam
E as nuvens altas sobiam,
D'este fruito não colhiam
Que muito abaixo ficavam.
Mas como a amor nada falta
E tudo o mais alto humilha,
Fez-m'o por gram maravilha
Colher de planta tão alta.

E foy esta para mi
Huma aventura tamanha,
Que por nova e por extranha
Commigo a desconheci.
Cuidei que sonhos m'a deram,
E que era cousa fingida;
Mas bem de que se duvida
Minhas proprias mãos colheram.

O doce e suave fruito
A' vista bello e fermoso,
A quem o prova gostoso
Se pudera durar muito!
E se houve mãos que puderam
Colhel-o de tanta altura
Foy por extranha ventura
Que seus ramos se abateram.

Por que era cousa tão rara
Poder chegar a colhel-o,
Quanto o fruito raro e bello
E a caida certa e clara
Mas vendo planta tão alta
Que estava em tantas affrontas
Deram seus ramos das pontas
Por supprirem minha falta.

FL. 57.

As mulheres de Camões

Não ha em Portugal quem não tenha em aberto com Luiz de Camões uma grande divida de reconhecimento e de gratidão. Os sabios devem-lhe o quadro mais completo e mais perfeito do estado da sciencia portugueza no seculo XVI. Os litteratos devem-lhe a constituição definitiva da lingua em todas as formas da metrificação e do estylo n'uma obra portentosa, que Frederico Schlegel diz constituir, ella só, uma litteratura inteira. Os industriaes e os commerciantes devem-lhe o poema da paz baseada nas modernas relações internacionaes estabelecidas pela navegação da India. Os mareantes devem-lhe os mais deliciosos quadros que jámais se fizeram dos phenomenos do oceano e da vida de bordo. Os trabalhadores devem-lhe o mais bello hymno do trabalho na famosa epopéa em que elle celebrou, com a passagem do Cabo Tormentorio, a eterna luta do homem com as hostilidades da natu-

reza. Os soldados devem-lhe a elle, guerreiro e duellista, os mais altivos exemplos da força do braço e do desdem pela vida. Os nobres devem-lhe a elle, fidalgo, a mais gloriosa camaradagem. Os plebeus devem-lhe a mais poderosa affirmação da justiça social e o protesto lavrado por elle contra todas as tyrannias. Finalmente, á vasta e profunda influencia da musa camoneana deve o rei o throno, deve o povo a sua liberdade e deve a nação a independencia.

Mas ha ainda uma verba especial que n'este ajuste de contas é preciso descrever. Refiro-me ao que devem a Camões — as mulheres. As mulheres devem-lhe as mais bellas, as mais ternas, as mais graciosas pinturas da femenilidade e do amor.

Os typos senhoris de Ignez de Castro e da *formosissima* Maria são duas creações geniaes de uma grave e profunda belleza elegiaca, tão commoventes como Ophelia ou como Desdemona. Nas mulheres de Camões, assim como nas de Shakspeare, sente-se a pura linha ideal dos delicados perfis eternos. As suas figuras, de uma pureza paradisiaca, destacam-se n'um contorno vaporoso e azul sobre um fundo de céu, e ellas, brancas, pensativas e meigas, aureoladas pela desgraça, parece caminharem para nós sem roçar com os pés na terra, como se debaixo dos seus passos o nosso respeito lhes tivesse posto uma nuvem.

RAMALHO ORTIGÃO.

A Epopêa de Camões

A epopêa de Camões tem uma originalidade que a distingue de todas as do seu tempo, é uma epopêa nacional, um poema verdadeiramente popular, uma *Iliada* e não uma *Eneida*, uma condensação do Romanceiro guerreiro e maritimo de Portugal, e não um livro pautado pelas regras, methodico e frio, com fabula bem urdida, e heroe bem caracterisado, com a

classica descida aos infernos, com o episodio dos amores enervantes, em que se enlaça por algum tempo o heroe, e que era tambem chavão obrigado. Mas, allegar-se-ha: o poema de Camões lá tem a mythologia official dos poemas epicos: se a creação do Adamastor se filia nos processos da creação poetica dos mythos populares, o conselho dos deuses no Olympo, a intervenção de Venus, a inimisade de Bacho, as tempestades soltas ou represadas por intriga ou por empenho de umas ou de outras divindades antagonistas entram na cathegoria das fabulas banaes e artificiaes da epopêa. E' perfeitamente verdadeiro, mas não esqueçamos que Luiz de Camões é um poeta do seculo XVI, um erudito versado nas linguas sabias, um bacharel da universidade de Coimbra, costumado a venerar os grandes modelos classicos. O seu genio natural, a sua convivencia de largos annos com os soldados das grandes guerras orientaes, as suas prolongadas navegações, o seu isolamento no extremo Oriente, a impressão que deixaram no seu espirito os quadros sublimes que se desenrolaram diante dos seus olhos compelliam-n'o a dar livre expansão ao seu genio, chamavam-n'o para a epopêa nacional: a sua educação, a influencia das idéas dominantes no seu tempo, chamaram-n'o para a epopêa erudita: d'esta dualidade resultou esse estranho poema dos *Lusiadas*, ora potente e original como uma canção de *gesta*, ora pautado escrupulosamente pelos poemas virgilianos, em que a lenda popular das estatuas mysteriosas, guardas inviolaveis do Oceano, se confunde com as reminiscencias classicas da guerra dos Titans, em que, ao lado da narrativa cavalheiresca dos doze de Inglaterra que nos lembra o *Amadis*, tem a narrativa do Gama ao rei de Melinde, ficção que recorda o *Infandum, regina, jubes senovare dolorem* de Virgilio.

PINHEIRO CHAGAS.

As nossas cousas

Uma singularidade curiosissima da nossa critica, da nossa litteratura, dos habitos e da linguagem das nossas classes mais ou menos letradas é o espirito deprimente, estreitamente negativo, systematicamente amesquinhador de tudo o que é nosso, de tudo o que vem de nós, de tudo o que tenha uma procedencia ou apresente uma feição portugueza.

Espirito convencional, exterior, facticio, naturalmente, mas convenção ou exterioridade que nos paizes mais cultos e nas sociedades mais scientificamente disciplinadas aparece apenas como singularidade pulha ou excentricidade doentia d'um ou de outro individuo.

O patriotismo, que na Allemanha, na Inglaterra, na França, na Suissa, por exemplo, é o sentimento mais ciosamente cultivado e mantido, o factor critico predominante do espirito publico, e que modernamente, ainda, tem sido a primeira força impulsiva do progresso nacional, entre nós, n'uma certa região, é uma cousa aproximadamente riducula e fossil.

Quando algum desgraçado jornalista ou litterato sertanejo se atreve a fallar do *nosso querido Portugal*, como os primeiros jornalistas de Paris ou como Victor Hugo e Gambetta escrevem e dizem umas poucas de vezes no dia, a *nossa querida França*, *a nossa chara patria*, cahe-lhe necessariamente em cima uma troça de mil demonios, e os collegas, finos e modernos, estampam-lhe o logar commum na secção destinada ás phrases de Calino e de Prudhomme. As «glorias nacionaes», a «patria», os «feitos dos nossos avós», as «nossas honradas tradicções», denunciam simplesmente um espirito labrego e retardatario.

Dar com um masso no paiz, pôr todo o empenho em provar ao mundo que a nossa historia é apenas

a historia d'uns cretinos, passar diplomas d'asnos aos aos nossos melhores talentos, descompôr a nossa sociedade, os nossos costumes, tudo o que é nosso: — é a occupação mais digna d'um espirito desabusado e galante.

Temos o *coquetismo* da degradação propria.

Não ha muito que um illustre sabio francez denunciava, indignado, a um meu amigo que no escriptorio d'um jornal de Paris fôra recebida uma terrivel verrina contra um nosso compatriota que exactamente a Europa culta applaudia e festejava naquella occasião.

— «Custa-me a crer» — dizia o parisiense, — «que seja um portuguez o author, porisso lhe communico a assignatura, esperando, em honra aos seus compatriotas, que ella seja ahi inteiramente desconhecida».

Não era.

Conhecia-nos pouco este sabio. Um portuguez estimado e applandido pela pela imprensa europea, coberto de distincções pelas sociedades doutas de todo o mundo, correspondendo-se com os estudiosos mais illustres d'um e de outro hemispherio é verdadeiramente com escandalo.

LUCIANO CORDEIRO.

As festas do Centenario

(Trecho de um discurso proferido na inauguração do Bairro Camões)

Muita gente, d'entre o povo de Lisboa ou das provincias, chama, á festa a que assistimos, o *Santanario* de Camões, como se se tratasse da sanctificação, da canonisação popular do grande poeta.

Não se engana o povo no seu profundo instincto. Como representante da nação e da raça portugueza, Camões é hoje para nós um santo, porque em Camões, como nos santos, deve hoje para o povo valer mais a

lenda que a historia, mais o que se lhes attribue ou o que n'elles se quer vêr, do que o que realmente fizeram ou foram. E por que na sanctificação lendaria desapparece a pessoa para ficar a idéa, o symbolo, que, sobre o trabalho e a producção de um só, põe muitas vezes todo o trabalho e toda a obra de uma geração ou de uma epocha, e, o que é mais ainda, toda a aspiração directora do futuro de uma raça, é que muitos, essencialmente de accordo com o sentimento popular, celebram em Camões o Portugal vivo das epochas activas, creadoras, originaes, e querem fazel-o estandarte de um fecundo renascimento que começa.

Para os que assim pensam, as festas de Camões merecem todo o ardor apaixonado dos ritos de um culto vivo. Para estes o Camões do tricentenario será maior que o Camões do seculo XVI; porque o que em 1880 nasce, é bem mais gigante, feito por toda a nação que se levanta, se ella tiver força ainda para produzir um conjuncto completo de creações originaes, do que o Camões que morre com a sua epocha, para sempre, no anno da batalha de Alcacer-Quibir.

.....

Assim o povo encontra em Camões o precursor de todos os seus ideaes e, por isso mesmo que, n'uma grande parte o ignora na sua natureza relativamente limitada de portuguez do seculo XVI, catholico, aristocrata, monarchico, dilata-o com todas as aspirações da sua alma, e celebra-o livre pensador, positivista, republicano, chefe supremo da democracia social.

Tem o povo rasão. Fizeram os tempos de Luiz de Camões o representante do Portugal conquistador contra mussulmanos, do Portugal navegador, aventureiro e heroico, e hoje o grande instincto publico faz de Luiz de Camões, cada vez mais engrandecido, o symbolo de um povo que, tendo, na sua tradicção, cor-

rentes originarias sufficientemente fortes para poderem ser continuadas n'um trabalho evolutivo, pretende erguer-se, creador e original, no meio do concerto das nações modernas, com a sua melodia e o seu estylo essencial e por isso necessario á civilisação da humanidade.

.....

É por isso que se engana quem quer commemorar com preces e dobres funebres a morte de Camões, considerando-o, por ventura, como um candidato ao Paraizo.

Camões nasce hoje, e ergue se, sobre todos os territorios onde existem portuguezes, como a estatua de um Deus que representa, como todas as fórmas de deuses até hoje tem representado sempre, o genio original do povo que o creou com o melhor da sua alma.

JAYME BATALHA REIS.

O Epilogo do Centenario

Meu amigo

E' muito amavel a sua carta, em que me pede *quatro linhas* para o seu almanach; mas entristeceu-me profundamente, por saber que eram destinadas á *secção camoneana* d'essa publicação.

Tudo o que possa referir-se ao nome do grande poeta nacional, produz hoje em mim, uma commoção bem differente d'aquella que eu sentia antes da celebração das festas do centenario.

Então, eu admirava, com a pouquidade do meu espirito, o genio alevantado do compatriota illustre, que em versos immorredouros

... *espalhou* por toda a parte,

... obras valerosas

dos filhos d'este canto da Europa; e orgulhava-me, com justificada razão, de que Portugal tivesse sido o berço de Camões.

Porém, hoje, apezar do brilhantismo da commemoração pela qual «*o mundo julgaria se Portugal tinha ou não as condições de vitalidade que constituem a força moral de um povo*»;—eu lamento sinceramente que o poeta nascesse aqui,

Onde a terra se acaba, e o mar começa,

porque se me afigura antevêr, no epilogo d'essa commemoração, factos bem dolorosos para todos os portuguezes.

O espectaculo que nos offereceu a imprensa do governo do paiz, depois do centenario, foi desanimador; podendo talvez deduzir-se do procedimento d'esta imprensa que «*a noção da patria*»—que o poeta possuia nobremente, e comprehendia da maneira a mais sublime—«*tende fatalmente a dissolver-se pelo egoismo pessoal, no conflicto das dissidencias politicas do nosso tempo.*

E se tal calamidade houver de pesar sobre o nosso Portugal, poderá então dizer-se, com o cantor das nossas glorias, que foi por

Culpa dos viciosos successores,
Que degeneram certo, e se desviam
Do lustre, e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

Não julgue, meu amigo, que o abatimento de que estou possuido seja resultante das *sovas de pau* que a imprensa ministerial infligio na commissão a que tive a honra de pertencer, e promoveu a realisação dos festejos.

As *nodoas negras das pauladas*, se chegaram a vêrse, não se conhecem já; e oxalá podessemos dizer o mesmo dos artigos insensatos que alguns espiritos obsecados produziram. Infelizmente, porém esses artigos ficarão a attestar perpetuamente a nossa decadencia de hoje; e isto é que me punge deveras.

Já vê, pois,. que, n'este estado, nada lhe posso offerecer; comtudo, se julgar que esta carta possa ser dada á estampa, publique-a, e intitule-a como quizer.

Creia na amisade sincera do

seu

RODRIGO AFFONSO PEQUITO.

18 agosto 1880.

CAMÕES

Poesia recitada no theatro de D. Maria II, pelo distincto actor José Carlos dos Santos, na recita dada pela classe dramatica em homenagem a Camões, no dia 9 de junho de 1880

> Vous retrouvez partout une âme aussi profonde que l'ocean, et, comme l'ocean elle unit les deux rivages opposés.
>
> EDGAR QUINET.

Surgindo, como o sol, nos flâmeos céos do Oriente
se arremessou teu genio ás amplidões do espaço.
As suas azas d'oiro ainda o mundo as sente
cubrindo a todo o oceano, abertas, como abraço
d'um grande continente a outro continente.

Que o soberbo galeão, singrando triumphante
por tanto mar de morte e tanta tempestade,
não era a gloria só d'um bravo navegante
que elle ia eternizar nas praias do levante.
No barco vencedor passava a humanidade.

Passava a abrir mais campo, a abrir mais amplas áreas
á nova industria humana... E até no mar profundo
as ondas tropicaes, de ha tanto solitarias,
ao vêr um mundo alli, nos braços d'outro mundo,
lh'inflammavam, de festa, as quilhas temerarias.

Mas quem lhe grava em bronze as famas da victoria?
Em que pagina immensa ha-de ella ser inscripta?
Surgiste então: Surgiste, illuminou-se a historia
e, em todo o mar talhando a pagina infinita,
Camões era immortal e a patria tinha a gloria.

A gloria de vencer e a gloria de ser tua.
A gloria de ganhar bravissima, valente
na marcha do futuro o logar d'honra, á frente
e a gloria, que lhe resta, eternamente sua,
de ser a tua patria, Homero do occidente.

Grande genio immortal, que em plena eternidade
com tuas azas d'oiro os seculos abranges
na soturna undação dos oceanos da edade,
como abrangeste o mar do patrio Tejo ao Ganges
e vives no infinito e a ver-te a humanidade.

Sublime coração, que espedaçado um dia
demandavas penando, aos echos do infinito
a *alma tua gentil*, *que* assim se *te partia*,
se acaso aquella voz, se acaso aquelle grito,
que a terra toda ouvio, no ceo tambem se ouvia.

Escuta a voz da patria, o grito, o hymno, o canto,
que d'echo em echo vae pelos confins da terra,
como se o mundo todo entoásse um hymno santo;
uma palavra, um nome unicamente encerra;
este nome é—Camões—e é Portugal portanto.

Alma gentil da patria, o andar dos tempos ha-de
unir talvez um dia os povos e as nações
em uma patria só chamada — humanidade —
mas, despenhem-se embora os turbilhões da edade,
é sempre Portugal a patria de Camões.

Lisboa 27 de maio de 1880.

FERNANDO CALDEIRA.

Fragmento

. . . . . .

Explicae-me, oh grandes sabios,
A fatal contradição,
De eu ter o dia nos labios
E a noite no coração!

Quem me vê diz: «quem me dera
Ser tão feliz como elle é....»
Oh apparencia, oh chimera,
Porque illudes quem me vê!

Eu sei que não tem remedio
Este mal que se traduz,
Nos olhos cheios de luz,
Na alma cheia de tedio....

. . . . . .

. . . . . .

Gemem as ondas quebradas
Do mar que ao longe desmaia,
Contando lendas maguadas
Ás fundas grutas da praia.

E' quasi manhã, á hora
Em que se pode hesitar,
Se é já o clarão da aurora,
Se é ainda a luz do luar.....

E no placido socego
D'essa vaga claridade
Passa um enorme morcégo....
.....
E' a sotaina d'um frade!

(Do poema «*Catharina de Athayde*»)

ANTONIO DE MACEDO PAPANÇA.

Reguengos — 80 —

CAMÕES

Côro laudatorio offerecido aos artistas da Associação — 24 de Junho — cantado no dia 9 de Junho de 1880 no Coliseo de Lisboa

(MUSICA DE F. GAZUL)

Apoz Miranda e Ferreira
mais puliste a lingua mãe;
da instrucção na craveira
ninguem mais alto, ninguem.
Salve, mestre; inda nos guias
do teu canto entre harmonias.

Foste guerreiro, luctaste
sobre a terra e sobre o mar,
o teu sangue derramaste
para o teu canto doirar.
Salve, paginas doiradas
escriptas entre granadas.

Buscaste os berços da aurora,
e lá brotou em caudal
esse canto que enamora,
honra do teu Portugal.
Salvé, cantor que subiste
onde mais altos não viste.

Naufragas e não soçobras,
que a nado salvas na mão,
qual Cesar, eternas obras
da nossa gloria pregão.
Salvé, canto sublimado
ás ondas arrebatado.

Este canto, historia viva
é palladio desta grei;
luz de Vesta que se aviva,
nosso orgulho e nossa lei.
Salvé, cantor primoroso,
douto, amante e corajoso.

A. X. RODRIGUES CORDEIRO.

O protesto da Lyra

Quando no mundo o genio abandonado
expira á fome e ao frio indignamente,
um livido remorso ensanguentado
sacode o mundo tenebrosamente.
Como o arrepio d'um terror sagrado
alguma cousa grita intimamente:
como uma voz terrivel que suspira
nas cordas vingativas d'uma Lyra.

E essa Lyra é só feita d'ameaças.
Essa Lyra é só feita de vinganças.
Essa Lyra só falla de desgraças,
d'antigos crimes, de crueis lembranças.
Essa Lyra espedaça e quebra as taças,
calla os festins e faz parar as danças,
e essa Lyra ai! da tragica innocencia
é a Lyra terrivel da Consciencia.

E a Lyra diz: Ó que fizeste, ó mundo!
das grandes almas unicas, sagradas,
das grandes frontes d'um sonhar profundo
que eram as frontes as mais bem amadas?
Ó que fizeste d'esse abysmo fundo
de vontades mais rijas do que espadas,
d'esses simples e santos corações
que faziam chorar as multidões?

Ó que fizeste d'essas linguas d'ouro
que sabiam prégar como os prophetas?
Como enxugaste o seu comprido choro?
Como arrancaste as ponteagudas settas?
Ó que fizeste, ó mundo! do thesouro
que nos homens mortaes chamaes poetas:
mas cujo nome d'harmonias bellas
só o sabem as Cousas e as Estrellas?

Deitaste ao lodo, á rua, e aviltamento,
esses que adora a Natureza inteira;
esmagaste entre as pedras o talento,
os seus craneos quebraste na cegueira!
As suas cinzas espalhaste ao vento!
Profanaste os seus louros na poeira!
E repousam sem lastimas nem lousas
os que viam as lagrimas das Cousas!...

Por isso me ouvirás em toda a parte,
como um soluço e um grito vingador,
n'uma alta torre, atraz d'um baluarte,
entre os festins, nas convulsões do amor.
Na paz, ou levantando o estandarte
da guerra, escutarás a minha Dôr.
Porque eu, ó mundo! guarda-o na lembrança
—Eu sou a Lyra, e a minha voz Vingança!

E o mundo escuta, indefenidamente,
a voz da Lyra a protestar terrivel.
Ouve-a na sombra, ou pelo sol poente,
se o vento dobra o cannavial flexivel,
ouve-a nos sonhos, ouve-a intimamente,
n'uma continua musica inflexivel,
até que em fim vencido n'esta liça
o mundo clama: Faça-se a Justiça!

(*Da Fome de Camões*) GOMES LEAL.

CAMÕES

DRAMA HISTORICO EM 5 ACTOS, ORIGINAL DE

CYPRIANO JARDIM

Representado pela primeira vez nas festas do tricentenario no theatro de D. Maria II

ACTO V

SCENA III

Camões, D. Anna de Sá, D. Francisca d'Aragão e D. Manoel de Portugal

D. MANOEL (*entrando de chofre*) —Luiz! Luiz!... perdidos!... Temos o estrangeiro na terra da nossa patria!

CAMÕES (*saltando de pé como que por cammoção galvanica*)—E' mister defendel-a!... Expulsal-os!... Onde vem elles?...

D. MANOEL (*desanimado*)—Já não é possivel!... Filippe d'Hespanha está em Badajoz, e o Duque d'Alva vae entrar no Alemtejo, com dois mil cavallos, e vinte mil infantes!... Nada se póde fazer já!... Nada!...

CAMÕES—Nada?... E os portuguezes?... o que fazem os portuguezes?... O Prior do Crato?... D. Diogo de Menezes?...

D. MANOEL—D. Diogo de Menezes vae metter-se na fortaleza de Cascaes, com uns poucos d'homens que

encontrou... O Prior do Crato... O Prior do Crato quer hoje repetir a façanha do Mestre d'Aviz, fazer a historia de 1385... mas não tem um Nun'Alvares Pereira nas armas, nem um João das Regras na politica!... Por ahi anda tudo desordenado... doido... até se fazem hostes de mulheres... armadas de pás, como Brites d'Almeida!... Impossivel será resistir!... impossivel!... todo o nosso exercito... são mulheres, creanças, e escravos!...

CAMÕES—E soldados?...

D. MANOEL—Soldados?

CAMÕES (*desanimado*)—Tens rasão!... Os soldados ficaram todos em Alcacer-Quibir!

D. MANOEL—Todos!..

CAMÕES (*rompendo*)—E o partido nacional por que os não faz?... novos?... Onde está o partido nacional?... O conde de Vimioso?... D. Francisco d'Almeida?

D. MANOEL—O conde de Vimioso... o querido do povo, nada póde fazer!... Todos os planos lhe destróe a ambição e desatinado orgulho do Prior do Crato!... D. Francisco d'Almeida... lá anda por Lamego a ajuntar gente... mas não chegará a tempo!...

CAMÕES—Mas os fidalgos?... O que fazem os fidalgos?... O Duque de Bragança?...

D MANOEL—Os fidalgos... sahiram de Lisboa... uns!... Os outros... estão á espera de Filippe II de Hespanha, para lhe chamarem Filippe I de Portugal.

CAMÕES (*com raiva*)—Ah!...

D. MANOEL—O Duque de Bragança... esse... caça indifferente á sorte do Reino, na sua tapada de Villa Viçosa!...

CAMÕES—E o povo?... o povo?...

D. MANOEL—O povo?... pois perguntas pelo povo?... tu?...

CAMÕES (*desanimado*)—Tens outra vez rasão!... Já não ha povo!... O povo acabou-se!... Sacrificado nos areiaes da Africa... e da India... engulido pelo mar tenebroso... devorado pelas pestes ardentes!... Acabou-se! Ficou só essa coisa que não tem valor... os restos vis que se tiram ao d ecima, quando se derrete o metal!...

D. MANOEL—Inutil é pois luctar... bem vês!...

CAMÕES (*irritado*)—Não!... não quero vêr!... Não póde acabar assim uma nação!... Não póde! (*vendo D. Anna que traz na mão um pucaro*) Dae cá, minha mãe!... Precisa de forças o vosso filho, porque a patria está a perder-se, mãe!... e o teu filho ainda lhe quer!... (*bebe*) D. Francisca d'Aragão!... morreu-vos nos braços a amante... a esposa de Luiz de Camões!... Ahi vos deixo minha mãe!... (*Para D. Manoel*) E agora, Manoel; vamos lá!... Vam... (*cáe na cadeira*) Ah! que já não posso!... Já não posso!... (*Fica sem acordo.*)

D. ANNA (*agarrando-se a Camões*)—Filho!...

D. MANOEL (*para D. Francisca, apontando Camões*)—Chegou-lhe a redempção!... Feliz d'elle, que não será escravo!... (*Ouve-se grande rumor na rua, e vê-se clarão d'archotes.*)

D. FRANCISCA (*a D. Manoel*)—Ouvistes? (*apontando*) Vêdes?....

D. MANOEL (*chegando á janella*)—E' o povo que vae desordenado... perdido, por essas ruas!... Certo sabe da invasão... e corre desvairado na incerteza do que o espera!... (*olhando attento*) Cuido ver com elle... gentes desconhecidas... enviados talvez de Filippe... para dispôr os animos com promessas!... e hão-de convencel-o... hão-de!... Voltarão de todo esse povo miseravel, que anda perdido... no terrôr d'uma sorte mysteriosa... e negra... que o espera, e que elle sente... que vem chegando... subindo sempre... como a maré... fria, constante... fatal!...

CAMÕES (*delirando já no estertor*)—Não!... Nada!... nem soldados... nem fidalgos... nem partido... nem povo... nada!... mas... então... esta terra...

UMA VOZ (*na rua*)—Real, real! por D. Filippe, rei de Portugal!...

CAMÕES (*n'um ultimo arranco*)—Não!... infames!... Não, canalha!... não!... Real, real... por Dom!... por Dom!... por Dom... Ah!... que tambem já não ha rei! Ah! Agora sim! agora, patria!... agora é que tu estás bem morta!... Agora... patria!... Morro comtigo!... (*Cáe inanimado na cadeira, D. Anna e D. Francisca seguram-no.*)

D. ANNA (*agarrando-se a Camões*)—Ai!... o meu filho!...

D. MANOEL (*apontando Camões*)—Morre, desgraçado!... Morre para a vida, que agora mesmo nasceste para a eternidade, no coração do povo!...

FIM.

A NOSSA CAMONEANA

O Almanach dos Theatros, sendo uma publicação essencialmente moderna, não devia deixar de acompanhar o movimento litterario do seu tempo. Por isso resolvemos formar uma secção especial destinada á consagração d'esse grande facto que assignala o anno de 1880, como a epocha faustosa em que Portugal, commemorando pelo modo mais elevado, no *Centenario de Camões*, as suas glorias passadas, se affirmou digno de novas glorias futuras, para as quaes caminha com a fronte erguida dos vencedores.

N'esta secção entendemos que deviam figurar em primeiro logar os artigos firmados pelos membros da Commissão Executiva da imprensa, a cuja potente iniciativa se deveu o explendor e boa ordem dos festejos commemorativos, complectando-a com outros escriptos dentre os mais notaveis que por essa occasião produziram os nossos primeiros litteratos.

Ahi fica pois, a nossa modesta manifestação de preito ao Grande Poeta, como um pequeno ramilhete que depomos no pedestal do seu monumento.

MENDONÇA E COSTA.

Fim da Secção.

A litteratura picaresca

A Hespanha, tam original nos seus usos, nos seus costumes, no seu viver intimo, occupa um logar priviligiado entre todas as familias da raça néo-latina. A' sua arrogancia e independencia nativas ligou, mais tarde do que nenhuma outra nação da raça indo-europêa, as formas maravilhosas que lhe legaram os sarracenos.

Os elementos arabe, moiro e berbér, nas assimilações necessarias e forçosas, que se déram na peninsula hispanica, esculpiram uma feição pronunciadissima em todo o meio dia da Hespanha, e originaram-lhe aquelles deslumbramentos, aquella tendencia para o maravilhoso, que, com o auxilio do clima e da sua organisação social, constituem ainda hoje um modo especial de ser e de sentir.

O seu viver, nas ultimas camadas sociaes, tem ainda, na actualidade, um interesse tam vivo para os homens de letras, como as espedições aos polos explicam a anciedade dos exploradores no mundo da sciencia.

A forma picaresca é o caracter excepcional d'um ramo da litteratura hespanhola — é talvez o mais original. Só em Hespanha se encontram os assumptos d'este genero de trabalho litterario, e só lá se estudam os seus methodos e processos.

Don Marcos de Obregon é incontestavelmente o modelo mais prefeito do romance ou da novella picaresca. Este livro tem o merito de ser uma autobiographia de Vicente de Espinel. O *Gil Braz* de Le Sage é apenas uma pallida imitação sem os coloridos, sem os esmaltes, e sem a opulencia da phrase castelhana.

O *picaro* é um homem *chistoso*, *alegre*, *placentero*, *decidor*, ou como diz Don Vicente Salvá, *bajo*, *ruin*, *doloso*, *falto de honra y verguenza*. Para canhecer as

ultimas camadas do povo hespanhol, para estudar estes grupos de mendigos, sycophantas, *manólas*, aguasis, tafues, rufiões, sicarios, rameiras e alcayotas é preciso acompanha-los até aos antros onde se occultam e onde pernoitam, nos seus bairros predilectos, em Toledo, Madrid, Cordova e Granada.

Foi assim que Quevedo escreveu: *La vida del Buscon Don Pablos*, Hurtado de Mendoza: *La vida de Lazarillo de Tormes*, Castilho Solorgano: *La Garduña de Sevilla y Anzuelo de las bolsas*, Mateo Aleman: *Vida y hechos de Gusman de Alfarache*, e Ubeda: *La Picara Montañeza*.

Este ramo tam interessante e tam vivaz da litteratura hespanhola, e que lhe grava, nos seus romances, uma feição tão original e saliente estende-se ao Theatro e envolve os proprios actores.

Na tragedia, no drama, na comedia e no saynete ha sempre logar para o genero picaresco. Don Cezar de Bazan é o typo obrigado d'estes aventureiros e brigões de viella e encruzilhada, com a capa rota, pendendo desdenhosamente sobre a espadoa esquerda, e arrancando da fina lamina de Toledo á mais leve suspeita de pundonor offendido.

O actor, nascido n'este meio, educado por uma sociedade especial, que acampa, fóra dos grandes centros de civilisação, entre o cigano, o salteador e o mendigo, participa d'este caracter aventuroso e é influencionado pelas mesmas causas. Diz um proverbio hespanhol: *Ni á picaro descalzo, ni á hombre callado, ni á mujer barbada no les des posada.*

Um livro escripto em 1602 por Augustino de Roxas: *El viage entretenido* descreve as seis fórmas de companhias theatraes, que precorriam a Hespanha Donominavam-se: *bululu, nãque, gangarilla, cambuleo, garnacha, boxiganga, farándula, e compañia.*

Não é para a indole d'um trabalho, tam limitado

como este, descrever largamente estes graciosissimos grupos de comediantes, baste-nos, porém, saber, que ainda hoje a Hespanha é a patria do imprevisto, a terra das aventuras e o verdadeiro paiz das *Mil e uma noites*.

VISCONDE DE OUGUELLA

Primeiro amor

(A JOAQUIM DE ARAUJO)

Ó Mãe de minha mãe!
Explica-me o segredo,
Que, mesmo a Deus, sem medo
Não hia confessar.
Aquelle seu olhar...
Persegue-me, e receio,
Presinto no meu seio
Erguer-se-me outro altar.

Eu, em o vendo, aspiro
Um ar mais puro, e trêmo...
Não sei que abismo temo,
Ou que inefavel bem!
Oh! e como eu suspiro,
Em extase, o seu nome...
Que enygma me consome,
Ó Mãe de minha mãe!?

JOÃO DE DEUS.

Falta de annuncio

Jayme mandou pôr um annuncio no *Diario de Noticias*; ao ler porém, o jornal no dia seguinte, não encontra o annuncio publicado.

—Ora! diz elle, logo fui comprar um exemplar em que não vem. Tenho que comprar outro.

Os pastores do Minho

Os pastores são rapazes e raparigas. Estas levam a sua tarefa de lã para fiar no monte, ao mesmo tempo vigiam as rêzes. Em compensação os rapazes tomam o encargo de ajuntar o gado, quando elle foge.

Porém as cabras depois de começarem na pastagem. não ha grande perigo em que se dispersem. Os cães adrede ensinados, vigiam sufficientemente até para as livrar do lobo.

O passadio dos pastores é simples. Quando vão para o monte acompanha-se cada um da sua tigella de barro enegrecido pelos annos e leva a brôa, dentro de um pequeno sacco. O leite ordenhado das cabras e o pão migado, dão-lhes a alimentação. Poucas vezes tem outro presigo. Matam a sede bebendo nos frescos veios, que serpeiam por entre as hervas miudas e finas dos fartos giestaes. Para isso põem-se de bruços, com o peito collado á terra, na posição dos que teem uma dôr no ventre.

A's vezes tem os seus divertimentos, os seus jogos. A tendencia para tentar fortuna, de caminhar para um desconhecido mais vistoso, é uma das mais expotaneas do espirito do homem. Os pastores jogam o *bicho a formas* que arrancam das suas calças. Para isso collocam as *formas* sobre um pequeno sylindro de pau, está com uma das bases para o alto, e atiram-lhes d'um ponto convencionado com as suas *petisculas*, que são bocados de telha ou de pedra em forma de lasca. Quando algum acerta no bicho, as fôrmas espalham-se.

Conforme estiverem mais perto de uma das petisculas ou do bicho, assim são ganhas por um ou por outro. As que pertencerem ao bicho serão questionadas, atirando novamente cada um com a sua petiscula.

Outras vezes, preparam as rusticas flautas de cana, tirando sons d'uma insupportavel harmonia.

Tambem passam muitas horas dormindo, confiando o rebanho á vigilante guarda dos seus cães.

Quando algum d'estes rapazes não póde, por ter outro serviço, acompanhar o seu rebanho, recommenda-o aos companheiros. Em certos logares, está convencionado o ir em cada dia, um ou dois pastores somente, os necessarios, com os rebanhos visinhos. Segue então um turno, como as sentinellas. As cabras estão habituadas por tal fórma a isto, que vindo em globo, em grande confusão, a modo que vão chegando á porta dos seus curraes, entram sem ser necessario separal-as.

A descida do monte é ao anoitecer, quando sobre os tectos de colmo paira um brando fumo azul.

Prepara-se depois o modesto caldo de azeite e unto, ou fazem as papas de leite e farinha milha, n'uma modesta vida patriarchal como á dos habitantes das vistosas montanhas helveticas.

TEIXEIRA DE QUEIROZ (BENTO MORENO).

Confidenzza

A minha alma, pomba! quando a beija
Do teu olhar a luz immaculada,
Tem as consolações que ella deseja,
A pobre encarcerada.

E como prezo um rouxinol se agita
Nas grades do seu cárcere, a voar,
Assim ella, tristissima, contricta,
Vem toda ao meu olhar...

JOAQUIM D'ARAUJO.

Da critica da musica dramatica

A critica de uma composição dramatica musical é uma cousa muito mais difficil daquillo que se me afigura que a maioria commum julga, e ponho os fun-

damentos desta minha supposição em que essa maioria nem ainda parece haver bem entendido qual o papel e a significação do drama lyrico, e dahi o desconhecer a esphera em que as faculdades criticas hajam de operar. Um supposto critico musical, (e claro está que por infelicidade é aos nossos, salvo limitadas excepções, que eu me refiro) ou julga de uma composição pura e exclusivamente nos limites do que elle chama o *bom gosto* (ou melhor fôra o *seu* gosto, sem discutirmos se elle é *bom*, e se é fundamentado), e isto fóra de toda a investigação do assumpto tratado, e dos meios em que elle se produzio; ou então envolve-se tam technicamente na parte mechanica e erudita da musica, que não ha sentimento por delicado que resista á absorpção da contemplação analytica das difficuldades orchestraes ou melodicas: os primeiros reclamam a arte como um deleite inconsciente dos sentidos, e os segundos parece haverem entendido que a belleza e a magnitude de um *spartito* apenas podem ser julgados legitimamente na audição de uma assembléa de professores.

O exclusivo de qualquer destas theorias traz logo á memoria a pergunta de Poe: *But where, meantime, was the soul?* Sim, no emtanto onde esteve a alma? Contastes com ella, ou tomou-vos a pretenção de abdicar o espirito, ao exprimir a mais pura das fórmas em que a vida psychologica se revela? Mas se assim é, mataes a musica! Por felicidade, tem havido mestres que não enterraram nunca a alma nem a inspiração sob as theorias eruditas, nem sob a analyse technica, por severa que ella fosse, como Choron, como Fétis.

Mas se a analyse de um drama lyrico requer para a comprehensão do seu conjuncto tamanha investigação litteraria e critica, e um tacto tão raro e minudencioso na avaliação esthetica, as difficuldades sobem de ponto quando o drama analysado não se limita a representar

meramente um facto historico, ou uma concepção romantica idealisada pela musica e pelo poema; mas, de preferencia a isto, um symbolo, uma concepção metaphysica, em que a realidade ideal tem sempre um interesse maior do que as circumstancias exteriores do facto e da palavra em que ella está escondida, por formosas e seductoras que sejam ou pareçam essas circumstancias.

Acresce a isto que o espirito do observador moderno carece de uma perspicacia mais viva, quando nos ultimos annos vê levantar-se uma escola que parece haver estatuido como principio absoluto, senão em as composições do seu iniciador, pelo menos nas dos seus mais ousados caudilhos,—que a musica não foi só creada para a interpretação dos sentimentos, como por muito se julgára, mas ainda, e mais propriamente, para a representação pura das idéas, em todas as phases. Esta theoria, por extravagante que pareça, nasceu de uma tendencia verdadeira — aquella que transformou a melopéa antiga na musica dramatica de hoje, e que, surgindo em Mozart, que é o Shakspeare da musica, como iniciador do seu dramatismo, recebe o maximo e unico complemento legitimo em Mayerbeer, que é tambem Shakspeare na indisputavel opulencia de faculdades e recursos de composição dramatica, como o mundo nunca vira até então, e como não poderá porventura contemplar superada para o futuro, dentro de um plano perfeito de combinação esthetica.

Não pareça exagerada a asserção, porque não ha faculdade, sciencia nem arte humana, cujos limites não estejam confinados por um marco; para álem delle perdem-se todos, e se fosse mister um exemplo, bastaria o de Wagner. (1)

GRAÇA BARRETO.

(1) Excerpto de um opusculo inedito.

As botas do actor Rosa

Boas botas com effeito!
Ha que tempos que eu te digo,
que de pequeno, o teu geito
é ser sapateiro, amigo.

Afóra o bico da moda,
que é moda o *bico* hoje em dia,
quem da terra andasse á roda
mestre assim não toparia.

E lá no mar (Tens ratices!)
com ellas por sobre as ondas
anda a gente como Ulysses
nas aguas das Trabisondas.

O povo grita — milagre!
Os padres — estamos salvos!
E tu com graxa e vinagre
vais apanhando os papalvos.

Queima a sciencia as pestanas
buscando o que seja aquillo,
e nem passadas semanas
conclue que é cebo de grillo.

Tu proprio chuchas de dédo,
avis rara, ó rara ave;
pois ao fechar teu segredo
perdeste-lhe o tino e a chave.

Seja qual fôr o systema,
graxa só ou graxa e cebo,
eu, indigena na gemma,
applaudo o que não percebo.

De tão prodigioso invento
só entendo, e não é pouco,
que ou me sahiste um portento,
ou és remato louco.

Mas que importa, qual diploma
um logar nos dá na historia?
Toda a estrada leva a Roma.
Por atalhos vae-se á gloria.

E' certo que ao fim da vida,
a luz do porvir é tua;
luz do céu que por torcida
tem um dos gâlhos da lua.

E tanto o sec'lo é fecundo
(registra nas tuas notas)
que em poucos annos ao mundo
botou dois *homens das botas!!*

1880.

F. PALHA.

A alegria portugueza

Gervasio Lobato, o espirituoso folhetinista, escreveu uma vez, não sei onde, que n'isto de alegrias e tristesas o que nós andavamos era desencontrados, isto é, riamos quando deviamos chorar, choravamos quando deviamos rir.

Andavamos e andamos. Quem quizer estudar a alegria nacional não a vá procurar nos theatros onde se representam comedias alegres, nos bailes de mascaras, em qualquer espectaculo que faça rir a gente de outra nação;—ahi o que se póde estudar é a semsaboria do indigena. Espere um dia de procissão de qua-

resma, a do Senhor dos Passos ou a do Enterro, vá por essas ruas e praças, e então verá se nós somos ou não um povo alegre e expansivo, cheio de ditos e facecias.

Simplesmente nos differençamos dos outros povos civilisados nas coisas a que achamos graça.

Vamos por exemplo aos bailes de Trindade e D. Maria, pômos uma mascara na cara e durante tres horas, temos a grande eloquencia do silencio. Um estrangeiro ao vêr-nos dirá: — Fortes semsaborões!

—Mas perdão, sr. estrangeiro. Não ha tal, não somos semsaborões. Unicamente entendemos não ser um baile de mascaras logar proprio para fazer espirito, nem para dar gargalhadas.

Vejam-nos porém n'um dia de procissão.

O Christo desce o Chiado vergado ao pezo da cruz, os padres entoam psalmos de penitencia, as musicas tocam marchas funebres enchendo o espaço com umas notas graves, melancholicas, profundamente tristes que recordam a grande tragedia do Calvario, a agonia suprema do Homem-Deus expirando, não nos braços carinhosós de sua amantissima Mãe, mas, aos seus olhos, nos braços rigidos de um madeiro; tudo isto á primeira vista é espectaculo para ser presenceado com o maior recolhimento d'espirito, e sem duvida muito mais proprio, pelo que representa, para fazer correr lagrimas do que para desabrochar sorrisos.

Pois a isto é que nós achamos deveras pilheria. Isto para nós é que é divertido.

Senão oiçam: — que burborinho, que risota, que *brouhaha* alegre, expansivo, que de phrases picantes, que de caras satisfeitas, que pagode, permittam-me o plebeismo!

Ah! somos um povo deveras engraçado. Lá isso somos!

URBANO DE CASTRO.

ORPHEO NO INFERNO

OPERA COMICA EM 4 ACTOS, MUSICA DE OFFENBACH

TRADUCÇÃO DE E. GARRIDO

3.º ACTO

Coplas cantadas pelo actor Augusto

Quando eu reinava na Beocia
era mais rico do que sou
Tinha lençoes de fio d'Escocia
ninguem em luxo me egualou
Mas um traidor da Capadocia
assassinar-me me mandou
Por uma escrava que da Phocia
trouxera um dia meu avô.

Quando eu reinava na Beocia, etc.

Côro e coplas dos policias

CÔRO

Eis do amor
os gentis
aguazis
somos nós.
Seductor
é seu ar,
seu trajar,
sua voz.

1.º POLICIA

Para bem
exercer
tal missão
é mister
procurar,
espreitar,
indagar,
tudo vêr.

2.º POLICIA

Ao boudoir,
ao salão,
todos vão
procurar
seducções,
afflicções,
e traições
p'ra contar.

CÔRO

Eis do amor, etc.

3.º POLICIA

N'um olhar de prazer, sabem lêr o pezar. *bis*

4.º POLICIA

N'um sorrir de paixão, a traição descubrir. *bis*

CÔRO

Eis do amor, etc.

DUETTO DA MOSCA

EURIDYCE. Par'ceu-me de leve em meu hombro
suave caricia sentir,

JUPITER. Vou representar com assombro
de mosca o papel, e fingir
que tão sómente sei zumbir. (*bis*)
zzzzz zzzzz

EURIDYCE. Ai que linda mosca

JUPITER. zzzzz

EURIDYCE. Lindo é seu zumbir

JUPITER. zzzzz

EURIDYCE. Oh! que linda mosca
lindo é seu zumbir.

JUPITER. Meu zumbir lhe agrada
é pois proseguir. (*bis*)

EURIDYCE. Encantador, divino insecto,
oh! não te vás embora, não?

JUPITER. zzz

EURIDYCE. Aqui debaixo d'este tecto,
tu vendo estás minha paixão.

JUPITER. zzz

EURIDYCE. Oh! não te vás p'la fechadura,
ao que te peço dize sim.
Grande vae ser tua ventura,
Ao pé de mim, ao pé de mim.

JUPITER. P'ra nos fazermos adorar
certa esquivança é bom mostrar.

EURIDYCE. Comsigo emfim deitar-lhe a mão } *bis*
JUPITER. Inda não, inda não. }
EURIEYCE. Oh! que maldosa (*bis*)
JUPITER. Não, não me apanhas linda rosa
EURIDYCE. Os laços meus quer evitar.
JUPITER. Que tenho azas p'ra voar.
EUIRDYCE. Deste modo vede, vede
eu vou fazer,
Uma rede p'ra poder
deitar-lhe a mão
JUPITER. Não deitas não. (*bis*)
EURIDYCE. Ah!
Eil-a apanhada
Emfim 'stás preza
JUPITER. A captiva entre nós
não sou eu com certeza.
EURIDYCE. Canta, canta } *bis*
JUPITER. zzzzz }
EURIDYCE. zzz
JUPITER. zzz
EURIDYCE. E's minha emfim.
JUP. e EUR. zzzzz

A rua Garrett

Por mais que lhe mudem o nome, o seu velho nome de Chiado, sobrelevar-se-ha este sempre a quantos outros lhe pozerem.

É que uma taboleta, por melhor pintada, não póde abulir uma tradicção.

Tem uma feição especial esta rua, á noute, que a distingue de todas as demais. É como se fora uma vasta montra em que se expõem confundidos, baralhados, todos os typos mais caracteristicos da galeria social ou da população da cidade, desde as altas regiões da politica, das sciencias e das artes, ás ulti-

mas divisões dos variadissimos ramos do trabalho industrial.

Vê-se, caminhando a par da costureira obscura, o diplomata estrangeiro, grave austero e vermelho com as côres de um rabanete; junto do servente de pedreiro, que sobraça a trolha e a colher do mestre, vae o sr. presidente do conselho de ministros, dois deputados da situação e um pretendente da provincia que, toda a Beira, por exemplo, mandou recommendado a Lisboa; em frente da dama aristocrata, a quem rodeiam as cabeças louras de duas creanças encantadoras de graça e de innocencia, como que os seus anjos da guarda, seguem com a altivez do descaro, a audacia provocante de dó, duas mulheres carregadas de veludos e sedas, d'essas que trazem risos para toda a gente que lh'os paga, e que se alguma vez choraram a sua miseria, se algum dia tiveram a consciencia da sua desdita, se sentiram lagrimas nos olhos, afogaram, pelo amor da industria que professam, essas expansões redemptoras, e trouxeram instinctivamente cá para fóra, apenas com a expressão artificial do escarneo supremo, as melhores galas da contrabandista!

Ali encontram-se exemplares de todos os generos, desde as grandes humilhações ás miserias mais desprezíveis; desde os orgulhos requintados, ás vaidades mais aduladas; ás exterioridades mais ostentosas, ou ás mais repellentes degradações.

Os passeios lateraes não bastam a conter a onda que os invade: a multidão toma a rua toda.

De quando em quando o susurro vago que produz toda aquella gente, é interrompido por um grito que se destaca perfeitamente e faz arredar todos. É o cocheiro que do alto da almofada brada a cada passo, soopeando os cavallos:

«Éh! lá! guarda da frente!»

Os populares praguejam, as mulheres correm, os homens graves param a distancia, commentam, e todos se afastam; de sorte que na rua Garrett, corre-se mais risco de ser atropellado pelos homens do que pelos cavallos, o que não é vantagem.

Passa por ali muito bipede que piza mais do que um cavallo e tambem não morde menos.

É livrar d'elles.

LEITE BASTOS.

MADAME FAVART

OPERA COMICA EM 3 ACTOS, MUSICA DE OFFENBACH

TRADUCÇÃO DE E. GARRIDO

1.º ACTO

Coplas cantadas pela actriz Florinda

FAVART. A mãe á vinha me mandou
Vão vêr como isto se armou,
CÔRO. Vão vêr como isto se armou.
FAVART. Ao sahir assim me fallou:
Ralaça trabalha que o démo te valha.
André na estrada me encontrou
e um grande beijo me ferrou.
Vão vêr como ella se armou:
CÔRO. Vão vêr como ella se armou:
FAVART. e um outro ainda dar tentou:
Ralaça trabalha que o démo te valha.
Mas zás! um murro assim lhe dou.
e André no chão s'estatelou!
Vão vêr como ella se armou.
CÔRO. Vão vêr como ella se armou.
FAVART. Porém na queda me arrastou.
Vão vêr como isto se armou:
CÔRO. Vão vêr como isto se armou:

FAVART. Nenhum molesto ali ficou.
Ralaça trabalha que o démo te valha.
Meu corpo um tal choque apanhou
que adormecido ali ficou.
Vão vêr como ella se armou:
CÔRO. Vão vêr como ella se armou:
FAVART. Mas ai! um berro me acordou,
Vão vêr como isto se armou:
CÔRO. Vão vêr como isto se armou:
FAVART. Na mãe oh céos c'os olhos dou.
Ralaça trabalha que o démo te valha.
Atarantado André ficou,
Um mez depois me desposou,
E ahi 'stá como a cousa acabou.
CÔRO. E ahi 'stá como a coisa acabou.

TYROLEZA

M.me FAVART e HEITOR. Tyrolezes passâmos
Dia e noite a cantar
Nossa vida logrâmos
D'este modo ganhar.—
Lá lá i ti...
Lá lá i ti...

FAVART. Vende agulhas meu irmão,
HEITOR. Meu irmão vende alfinetes,
FAVART. Vende lenços d'algodão,
HEITOR. Vende contas e colchetes.
FAVART. Comprem pois se lhes apraz,
HEITOR. O momento é bem propicio,
FAVART. Qualquer cousa ao meu Thomaz
HEITOR. Qualquer cousa ao meu Simplicio.
FAVART. Tem já noiva meu irmão
HEITOR. Meu irmão tem conversada.
FAVART. Ambas ellas lindas são
HEITOR. Mas nenhuma avesa nada.
FAVART. P'ra lhes dar dote capaz

HEITOR. Vae ser grande o sacrificio;
FAVART. Proteger devem Thomaz
HEITOR. E o meo qu'rido irmão Simplicio
Comprem pois.
FAVART. Comprem pois.
FAVART e HEITOR. Tyrolezes passâmos, etc. etc.

A tragedia no campo

Acabo de vêr representada por actores ambulantes uma tragedia — genero extincto como o mamouth ou o urso das cavernas.

As senhoras da villa — bem ceadas — queriam dar as suas lagrimas aos infortunios d'Ignez de Castro. A irrigação em breve foi tam abundante que a platéa se tornou em paúl. Por mim arrependi-me de ter affrontado aquelle diluvio sentimental, sem a precaução d'um casaco impermeavel e de um cinto de salvação.

Ignez «a linda Ignez posta em socégo» uma mulherona com estatura de tambôr mór, pezada como uma giboia farta, espreguiçava-se pelo tablado somnolenta como as luzes de purgueira que alumiavam a sala.

D. Pedro, alentado, satisfeito, com o carão vermelho e reluzente das camarinhas do suor, solido matuta da arte, rasgava sorrisos, arregaçando a boca desdentada até os extremos confins das suas orelhas côr de beterraba.

D. Affonso — com as suas fartas melenas de linho alvo de neve a moldurarem-lhe a cara enxuta de carnes, no estylo de avelan chôcha — tinha o aspecto de um genuino pau de cabelleira.

N'um dos matadores da desditosa «que depois de morta foi rainha,» transpareciam os tons duros do magarefe endurecido na chacina dos cevados. As crianças alli reunidas olhavam-no ás furtadellas, desconfiadas, com mêdo como se fosse um lobishomem.

Entretanto a dôr, a commoção, as lagrimas continuavam a semear pelos camarotes, spasmos, convulsões, ataques hystericos!

Enfadado com tam demorada explosão de sentimentalismo, deixei o theatro, e fui cear. A propria cêa parecia-me a cea de Thyestes, tam insistentemente me dançavam na mente os espectros da tragedia! Emmaranhava-se-me cada vez mais denso diante dos olhos um labyrintho de chouriços de sangue!

Agitei-me na cama em atormentada insomnia até os primeiros alvôres da ante-manhan.

Mas infeliz de mim! a essa hora do crepusculo matutino, e a dois passos da minha porta, começava outra tragedia. Meia duzia de cochinos grunhiam na desesperação da agonia.

O meu mau fado levára-me a assistir, na scena e na rua, ás duas matanças; e na minha phantesia desvairada eu via já confundir-se, atravez de meandros vermelhos, o sangue d'Ignez com o das victimas suinas.

Montei a cavallo e fui aspirar na amplidão desaffogada das campinas o risonho e perenne idyllio da natureza.

Alemtejo. Setembro, 1880.

V. DE BENALCANFÔR.

Nas varetas d'um leque

Quem vê teus olhos, languidos, quietos,
suppõe extincto o fógo dos amôres,
mas tu, ó minha amada, és como os fetos
que escondem sob a fronde as aureas flôres

Teu côrpo fragil, nitido, elegante,
como um carro de deusa vaporosa,
dobra-se ao peso de setinea roza,
mas sustenta nos braços um amante.

SOUSA VITERBO.

O MEDICO COR DE ROSA

OPERA COMICA EM 4 ACTOS, MUSICA DE F. RICCI

TRADUCÇÃO DE A. ABRANCHES E G. CELESTINO

1.º ACTO

Rondó cantado pela actriz Josepha d'Oliveira

ZEROLI (*ao Dr. Capsulo*)

Do Doge a mana idolatrada
desanda ás palmas, desvairada,
mal que me vê na scena entrar.
Elle, porém, — que não suspeita
que Fornarina olhos me deita, —
a noite passa a dormitar,
a dormitar!

Que a minha voz rendido a havia,
é caso que 'spantar podia
algum pateta ou imbecil.
Cantor não ha de tanta fama;
fascino e prendo qualquer dama,
pois sei que sou gentil... gentil!

Porém, tremei! Começa o drama:
em certa noite...— negro trama! —
raptar-me vem seis latagões!
Mandados são d'uma senhora,
que me quer vêr, sem mais demora,
não sei p'ra que... Ah! birbantões!
Ah! birbantões!

A linda sala amarellada,
p'ra lauta ceia preparada,
levado fui p'los malandrins.

Apenas entro, eis m'apparece
a Fornariña, que m'off'rece
peru, xerez e lagostins.

Não sei porque... mas, na verdade,
não 'stava ali muito á vontade.
por me lembrar do Doge f'roz!
Ella, porém, com modo lêdo
diz para mim: — «não tenhaes medo,
dormindo 'stá tranquillo e quedo,
soltar podeis a linda voz...
A linda voz.»—

Á meza pois logar, tomámos;
o que nós dois lá conversámos
callar será, talvez, melhor;
mas com ruido, de repente,
abrir a porta eis que se senta...
e o Doge entrar... oh! céos! que horror!

Mas a mulher, sempre animosa,
abre outra porta myst'riosa,
e faz signal p'ra me safar
Assim porém que fui na rua,
temi do Doge a ira sua,
e quiz por termo ao meu penar...
Ao meu penar!

Com que já vê, doutor famoso,
que não sou, não, criminoso.
nem attaquei poder algum.
O meu delicto é mui commum:
—foi só gozar de lauta ceia
com velha tonta, magra e feia!—
Se isto é peccado... então, doutor;
sou peccador! (*bis*)

A SERENATA DE SCHUBERT

COMEDIA N'UM ACTO

(*Lever de rideau*)

ORIGINAL DE EÇA DE QUEIROZ

Destinada ao theatro de D. Maria, para ser representado por C. Falco e João Rosa

E

DEDICADA AO EX.mo SR. PINHEIRO CHAGAS

UMA PARTE DA SCENA II

CERVAES—Mas que dias que vão haver! Que lindo maio vae ser o d'este anno! Eu alugo uma casinha fóra da cidade, n'um sitio d'arvoredos, bem isolado... E depois que passeios, que confidencias, que tardes! E aqui, á noite, ao canto do fogão... Ah! baroneza, viver não é mau, começo a desconfiar!... Ámanhã apresenta-me ao barão, não é verdade?

BARONEZA (*admiradissima*)—A quem?... ao barão?...

CERVAES—De certo... Porque?... Prefere?... Isso não! Ámanhã, a apresentação solemne. Diga que sim... o seu segundo *sim*, o verdadeiro *sim*.

BARONEZA (*com ar pasmado e frio, verdadeiramente apatetado*)—Mas... mas... o barão morreu.

CERVAES (*dando um pulo e affastando-se rapidamente*)—Morreu!?...

BARONEZA—Ha um anno!

CERVAES—Um anno?!

BARONEZA—Rheumatismo no coração... não sabia?...

CERVAES—No coração?!

BARONEZA—Em tres dias... é verdade.

CERVAES—Tres dias!

BARONEZA—E bem vê... o meu luto acabou.

CERVAES (*fria e tragicamente*)—Ia apostar que a baroneza não o tratou com cuidado!

BARONEZA—Porque?!

CERVAES (*passeiando agitado*)—Morreu!... Mas chamam-se medicos, fazem se consultas, viaja-se, não se morre... A's dores rheumaticas faz-se a applicação do iodureto, do alcool camphorado... E' uma cousa que todo o mundo sabe... E, demais, ha o agasalho, a transpiração, a dieta, as fricções... Não se deixa assim morrer um homem, porque emfim, era um homem!

BARONEZA (*aturdida*)—Mas...

CERVAES—Não, baroneza; ha a caridade, ha a piedade, ha o dever! Não se casa unicamente para ter o prazer de se enviuvar!

BARONEZA (*que tem pouco a pouco recuperado o sangue frio*)—Para que casou então?

CERVAES—E' differente, baroneza. As mulheres são teimosas, ninguem póde convencel-as de que não morram.

BARONEZA—Nem sempre. A mim por exemplo, ninguem me póde convencer de que não viva. Despi o passado com o luto. Se o casamento foi para mim um parenthesis, não ha motivo algum para que eu não continue a phrase. Por isso a continuo. Vivo... Vou aos passeios, aos bailes, aos concertos... Lembra-se d'aquelle canario que me fugio no dia em que me conheceu?...

CERVAES—Ah! a baroneza quer imitar o canario... Voar, saltar, fugir, pousar em todos os ramos, em todas as sombras...

BARONEZA—Pouco mais ou menos. Em summa quero ser uma ave livre!

CERVAES—Então cuidado, baroneza, acabou o tempo da defesa... a caça tambem é livre.

BARONEZA—Pois venha a caça! Acceito o combate. Não se lembra da canção de D. Basilio?

Se tem azas D. Cupido
Não serão ellas p'ra voar?

CERVAES— Se tem azas D. Cupido
Não pod'rão ellas cançar?

BARONEZA—As azas?

CERVAES—As azas, sim. Nas mulheres as azas não cançam nunca de voar, mas cançam sempre de fugir.

BARONEZA—Que quer?... Os homens são tão feios a correr! E' uma obra de misericordia deixar cahir o nosso proximo no ridiculo o menos tempo possivel.

CERVAES—Oh! baroneza, essa obra de misericordia parece-se com os bailes de beneficencia; dá-se a esmolla para se poder dançar.

BARONEZA—Meu amigo, está com impertinencias de 1720. Vou deixal-o. Preciso ir preparar-me... Ai, realmente, é uma tyrannia esta da opinião masculina! Parece que a vida das mulheres é uma tragedia em 5 actos. 1.º acto: Sóbe o panno. A heroina borda, aborrece-se, costura e casam-n'a.—2.º acto: A heroina olha para um homem que passa na rua. O homem tem todos os seus cabellos; o marido não tem nenhum dos seus cabellos. O marido vinga a sua calva declarando a sua honra offendida. A heroina embrulha-se n'um veo e vae para um convento.—3.º acto: O marido joga, ama, bebe, passeia, arruina-se e morre. Durante este tempo, a heroina, dentro dos bastidores, tem obrigação de chorar, rezar, e arrepender-se.—4.º acto: A heroina viuva não póde sahir, não póde olhar, não póde viver, e deve lamentar que seu marido não viva para jogar, amar, beber e arruinar-se mais.—5.º acto: A mulher morre; levam-n'a para a cóva.—Epitaphio da opinião publica:—Foi uma doida!—Protesto contra isto, meu amigo, com quantos caprichos podér ter e com quantos vestidos podér comprar. Adeus, faz-se tarde... Vou-me vestir. Espere-me se quizer... Vou pôr sedas, perolas, braceletes, flôres... toda a sorte de feitiços. Emfim, vou dançar, vou rir, vou cantar, vou sahir!

Comedia sem actrizes

E' sabido que nos theatros particulares, a maior difficuldade está sempre nos papeis de damas.

N'um theatro de provincia quizeram uma noite representar um comedia do distincto escriptor o sr. Rangel de Lima, mas a peça tinha um papel de dama e não havia uma senhora que se prestasse a represental-o.

Não se importaram com isso e resolveram a difficuldade de seguinte forma:

Um dos homens entrava em scena e dizia:

—Encontrei ali fóra a mana F. que me disse para lhe dizer cá... e seguia a falla que pertencia á mana occulta.

Ou então ordenava o pae ao filho:

—Vá dizer a sua irmã... etc. etc.

Por esta fórma a comedia representou-se sem uma só dama, o que não sabemos é se foi entendida por um só dos espectadores.

Giria de soldado

São vulgares nos soldados os ditos e anexins, e se nem sempre elles primam pela correcção da phrase, nem por isso deixam de ter muitas vezes um certo espirito e agudeza caracteristica que envolvem lição.

Em marcha é costume dizer-se entre militares, quando algum cáe, —*passou á 4.ª*—E' um dito sem significação definida, um d'estes calões de quartel cuja origem se não sabe, mas que jámais deixa de ser empregado sempre que vem a pello.

N'um regimento havia na 4.ª companhia um tenente muito grasina; velho rabujento, constantemente prompto a não desculpar a menor falta; pouco indulgente, sórdido, grosseiro, bojudo e bezuntão não gozava de sympathias no regimento, e principalmente na companhia.

Um dia, marchando o regimento, o tenente que ia bifurcado n'um lansudo gerico, alugado a poder de barato, foi-se a terra com o animalejo, que de faminto vergava debaixo d'aquella humanidade roliça. Nem um só dos espectadores d'esta scena deixou de se rir, posto que o pobre official ficasse bastante magoado.

Então do grupo dos soldados, partio esta apostrophe d'um brejeiro da 4.ª

«*Rapazes, o nosso tenente não passa de companhia*».

Nem assim se viam livres d'elle!

Não asseguramos se a lição aproveitou ao tenente, mas o que se disse foi que elle, logo que teve alta do hospital, pedio a reforma.

Talvez só assim se dissuadisse de ser major.

Quem sabe?!

C. SEQUEIRA.

No album do meu amigo Jeronymo Augusto de Carvalho

Pedes um verso em teu album;
é de mau gosto, em verdade!
E eu que de boa vontade
te escrevia dois ou tres!
Mas não sabes que de ha muito
eu, em poesia, fiz *cazo*;
entrei fulo no Parnazo,
corri com todos, de vez.

Melpomene fez-se fina,
fallanda da Nova Ideia;
mas eu fiz-lhe cara feia
fugiu cheia de terror;
Caliope, a bella heroica,
batendo em carreira infrene,
foi banhar-se no Hipocrene,
para... apagar o calor.

A' Euterpe fiz sciente
que *não gosto de cantigas*
Terpsicore até as ligas
n'uma valsa me mostrou;
mandei Polymnia á tabua,
e á suspirosa da Erato,
quiz dar-lhe com um sapato
e cantei-lhe... o *Rei chegou.*

Por isso não *rimo*, *remo*,
n'este ramo, sem ter rumo;
já não versejo, em resumo
tornei-me um sarrafaçal.
Tenho o Pégaso com mormo,
e até por fazer-lhe troça,
vou vendel-o p'r'a carroça
da cam'ra municipal.

Verás pois, em breves dias,
o magro e nojento bicho
puchando cargas de lixo
até faminto morrer.
E as musas, barris ás costas,
E Apollo co'a campainha,
todos ganhando a vidinha
que só vêl-os dá prazer.

Por tanto, desculpa, amigo.
se te dou versos sem tino,
pois diz o rifão latino:
«ninguem dá o que não tem.»
Quizeste versos por força,
vês? estraguei-te uma folha!
Rasga-a, desculpa-me a *bolha*,
e adeusinho, passa bem.

MENDONÇA E COSTA.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

AVIS AUX FUMEURS

OS VERDADEIROS CIGARROS

SCANDO DE ORAN

Tem a nossa firma em todos os pacotes

Juhel & Garay

SEULS DEPOSITAIRES POUR LE PORTUGAL

OS NOSSOS PACOTES SÃO COMPLETAMENTE AZUES

EVITAR AS CONTRAFACÇÕES E IMITAÇÕES

VENDEM-SE EM TODAS AS PRINCIPAES TABACARIAS DA CIDADE

DEPOSITO GERAL EM LISBOA

Largo do Pelourinho, 19

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

SERTORIO AUGUSTO DE SEQUEIRA CORTE REAL

SOLLICITADOR ENCARTADO

NA

COMARCA DE LISBOA

E COM ESCRIPTORIO

NA

RUA DO SOCCORRO DE CIMA, 27, 1.º

Trata de todos os negocios forenses na 1.ª, 2.ª e 3.ª instancias, taes como embargos, acções ordinarias, execuções, justificações, acções commerciaes, inventarios, appellações, aggravos, recursos de revista, etc.

Tambem se encarrega da publicação de annuncios no DIARIO DO GOVERNO e mais jornaes, legalisação de documentos ultramarinos e estrangeiros; de sollicital-os em qualquer parte do reino e estrangeiro, promover encartes, e de quaesquer negocios dependentes das repartições publicas, tanto civis, como ecclesiasticas, alliando a sollicitude e vigilancia que requerem e bem assim a modicidade nas suas agencias.

Além d'estes negocios, acceitam-se quaesquer outros que convenham.

Toda a correspondencia será dirigida ao escriptorio

RUA DO SOCCORRO DE CIMA, 27, 1.º

A

SERTORIO AUGUSTO DE SEQUEIRA CORTE REAL

Officinas de Esteiras

DE

BRUNO DA SILVA

167, RUA DE SANTO ANTÃO, 173

E

24, RUA LARGA DE S. ROQUE, 24

Esta casa é a primeira n'esta industria no nosso paiz, e teem sido considerados com louvor os seus artigos, tanto nas exposições nacionaes como nas estrangeiras.

N'este ramo industrial não ha quem fabrique estes artefactos melhor e mais barato.

ANTONIO COVARSI

AGENTE DE ADUANAS

BADAJOZ

Comisiones, consignaciones, transitos,
recepcion y reexpedicion
de toda clase de mercancias y equipages

DESPACHOS DE ADUANA EN BADAJOZ Y EN ELVAS

IV

Nota—La correspondencia deberá ser dirigida á Badajoz.

NOVA CASA

DE

MACHINAS DE COSTURA

JOSÉ RODRIGUES COUTINHO

11 — Rua dos Retroseiros — 13

Pelas condições em que está montado este estabelecimento, o publico encontrará n'elle as melhores machinas de coser por

Preços sem competencia, garantias sem limites, ensino gratis.

Tantas lições quantas o comprador precisar para que o seu trabalho seja perfeito.

Vantagens para o comprador

Grande sortimento de linhas, agulhas torçaes, seda em meadas e todos os accessorios para machinas.

Concerta-se toda e qualquer qualidade de machinas, ainda mesmo as compradas em outros estabelecimentos.

A. O. GUIMARÃES

CORRETOR DO NUMERO

DA

PRAÇA DO COMMERCIO

12, RUA NOVA DA TRINDADE, 12

HYPOTHECAS

Sobre propriedades situadas em Lisboa, a juro modico (quantia superior a 1:000$000 réis).

LEILÕES

Mobilias e mercadorias.

VENDAS

De propriedades rusticas e urbanas na Praça do Commercio e em particular.

EMPRESTIMOS

Sobre joias, mercadorias e todo e qualquer negocio que offereça garantia.

COMPRAS

De propriedades rusticas e urbanas.

ESTAÇÃO CENTRAL

DA

COMPANHIA REAL

DOS

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

EM

COIMBRA

Praça de S. Bartholomeu

Vendem-se bilhetes e despacham-se bagagens e mercadorias de grande e pequena velocidade para todas as estações das linhas do Norte e Leste, e para as dos caminhos de ferro de Portugal e Hespanha em combinação com aquellas, bem como se recebem das referidas procedencias.

O transporte de passageiros e mercadorias entre esta estação central e a principal, é feito pelo caminho de ferro americano.

Os preços de passagem entre as duas estações, são:

De dia .... **50 réis**
De noite..... ... **80 réis**

TRENS ESPECIAES AMERICANOS

Entre a estação de caminho de ferro e a cidade

DIA		NOITE	
Ida e volta...	Rs. 2$000	Ida e volta...	Rs. 2$500
Ida só.....	« 1$200	Ida só...-...	Rs. 1$500

NOVA CASA HAVANEZA DE LISBOA

ANTONIO LUIZ AFFONSO

GRANDE DEPOSITO DE TABACOS

NACIONAES E ESTRANGEIROS

DIVERSOS ARTIGOS PARA FUMADORES

Boquilhas, Cachimbos, Charuteiras e Cigarreiras

117, RUA DO PRINCIPE, 117 A

LISBOA

JOAQUIM PEREIRA REGO

PROPRIETARIO

DA

CASA DE CAMBIO

E

Tabacos nacionaes e estrangeiros

77, RUA DOS RETROZEIROS, 77

Faz sciente que tem no seu estabelecimento variadissimo sortimento das loterias nacionaes e estrangeiras.

Satisfaz com promptidão todos os pedidos

LISBOA

JUHEL & GARAY

19 - LARGO DO PELOURINHO - 19

LISBOA

AGENTES DA LIGNE PENINSULAIRE ET ALGERIENNE

E. GROSOS. HAVRE

PROPRIETARIO

Vapores para França, Belgica, Suecia, Noruega, Russia, Hespanha, Morrocos e Algeria

Recebem as fazendas em domicilio em Paris para quaesquer paizes acima citados.

DIRIGIR-SE EM PARIS

28, Rue Bergere.
32, Boulevard de Strasbourg.
62, Rue des Marais Saint Martin.

TRANSITO PARA TODOS OS PAIZES

Encarregam-se de tomar em domicilio em Lisboa qualquer encommenda e mandar entregar tambem em domicilio para qualquer paiz.

CONSIGNAÇÃO DE NAVIOS, FRETAMENTOS, COMMISSÃO E EXPORTAÇÃO

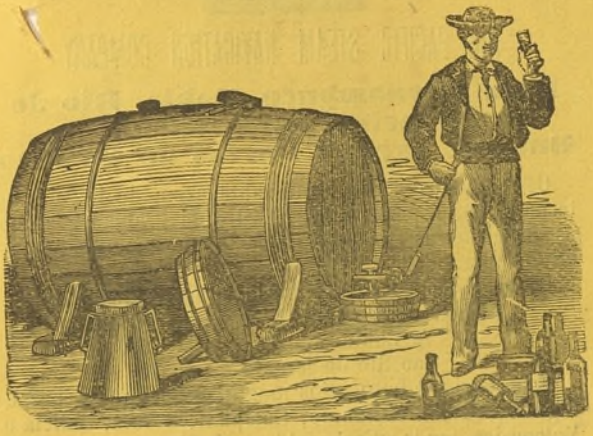
NEWPORT, ABERCARN BLACK VEIN

CARVÃO DE PEDRA DE PRIMEIRA QUALIDADE
PARA MACHINAS A VAPOR

DEPOSITO DA MINA

Preços baratissimos

Vinhos de Lobato & C.ª



No seu deposito na rua dos Capellistas 80 se vende o magnifico

VINHO DE THOMAR

A 80 réis a garrafa, posto em casa do consumidor quando a encommenda seja superior a 12 garrafas.

No mesmo deposito se vendem vinhos e licores de todas as qualidades por preços muito reduzidos.

Para revender faz-se desconto conforme a porção.

THE PACIFIC STEAM NAVIGATION COMPANY

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu, Buenos Ayres e Portos do Pacifico

Os paquetes d'esta companhia saem de Lisboa alternadamente para o Brazil, Rio da Prata e Pacifico ás terças feiras, tocando mensalmente em Pernambuco e Bahia.

Os paquetes da companhia costumam gastar de

Lisboa a Pernambuco..... 11 dias
« a Bahia..... 13 «
« ao Rio de Janeiro..... 15 «

Este serviço é feito pelos magnificos paquetes Iberia, Liguria, Potosi, Britannia, Cotopaxi, Sorata, Galicia e Valparaiso, tendo a Companhia mais 35 vapores no serviço da Costa do Pacifico.

Os paquetes são luxuosos, rapidos e offerecem todas as commodidades, havendo medico, cujo serviço é gratuito, assim como creados portuguezes e comida.

PREÇOS LIMITADISSIMOS

Faz-se abatimento ás familias que viajarem para os portos do Brazil e Rio da Prata.

OS AGENTES

PORTO

Vasco Ferreira Pinto Basto

10, *Largo de S. João Novo*, 10

LISBOA

E. Pinto Basto & C.ª

Caes do Sodré, 64, 1.º

PRIVILEGIO EXECUTIVO

Rheumatismo antigo ou moderno

A POMADA LUSITANA cura-o radicalmente, ao fim de poucas fricções. Raras são as pessoas que a usam e não ficam completamente curadas, mas todos tiram resultado. Á venda no Porto, na praça de D. Pedro, 113; em Coimbra, loja de vidros e louça, praça do Commercio; Evora, sr. Murteira; Pardelhos, sr. Guimarães & C.ª; Valeja, pharmacia Silva; Elvas, sr. Ferreira Baptista; Campo Maior, J. F. Certã; Extremoz J. A. Nunes; e nas principaes pharmacias das provincias. Deposito geral, drogaria Lusitana de Antonio Dias, rua do Arco do Marquez de Alegrete, 65, Lisboa.—Grande desconto para revender.

DAVID CORAZZI – EDITOR – LISBOA

Assignatura Extraordinaria

A VOLUMES MENSAES

Para toda a collecção das Viagens Maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos, por

JULIO VERNE

Entrega mensal de um volume brochado ou encadernado, á vontade do assignante, sendo gratuitos o decimo, vigesimo e trigesimo volumes, além de um brinde distribuido com o primeiro volume.

A assignatura começou com o romance DA TERRA Á LUA, que já conta **tres edições.**

Continúa a receber-se assignaturas na Empreza Horss Romanticas, rua da Atalaya, 42, Lisboa.

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

Periodico publicado em Paris com a collaboração dos principaes artistas portuguezes e estrangeiros.

PREÇO

Anno ou 12 numeros.....	3$000
Semestre ou 6 numeros	1$500
Trimestre ou 3 numeros.....	800
Por mez ou numero avulso.....	300

A publicação acha-se na 3.ª serie.

Assigna-se na Agencia em Portugal, Empreza Horas Romanticas, rua da Atalaya, 42, Lisboa.

ANTONIO COVARSI

AGENTE DE ALFANDEGAS

BADAJOZ

Commissões, consignações, transitos, recepção e reexpedição de todo o genero de mercadorias e bagagens.

DESPACHO NAS ALFANDEGAS DE ELVAS E BADAJOZ

N. B.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para Badajoz.

Com. 731 14 XV

José Bernardino de Sousa

MODAS

E

CONFECÇÕES

MUSICAS

Ultimas publicações para piano

Lindo sortimento

Vestidos para senhoras. Visites. Dolmans. Capas e casacos. Chapeus para senhoras e meninas. Gravatas e mantinhas para homens e senhoras. Bijouterias (novidade), perfumarias, flôres e plumas.

Em 48 horas

Apromptam-se para senhoras e meninas á escolha pelo figurino, vestidos em todas as qualidades e preços, e fazem-se (ou arranjam-se ficando como novos) chapeus tanto em seda como em feltro ou palha.

9—PRAÇA DO LORETO—10

VULGO LARGO DAS DUAS EGREJAS

LISBOA

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

P. J. A. CAMBOURNAC

TINTURARIA

14, LARGO DA ANNUNCIADA, 16 — 420, RUA DE S. BENTO, 420

OFFICINA A VAPOR NA RIBEIRA DO PAPEL

Tinge seda, lã, linho, algodão, em fato feito ou desmanchado.

ESTAMPAGEM MECHANICA

Lavagem de fato feito, vestidos, etc., pelo processo parisiense.

LISBOA

FRANCISCO LOURENÇO DA SILVA ALMEIDA

Premiado nas Exposições Internacional do Porto e Real Associação d'Agricultura Portugueza

FABRICA DE MOVEIS DE FERRO, FOGÕES, OBJECTOS PARA FLORES, JARDINS, ETC.

CAMAS DE FERRO SEM PARAFUSOS

PRIVILEGIO CONCEDIDO POR 15 ANNOS

CAMAS PARA TODOS OS PREÇOS, COMEÇANDO EM 1$600 RÉIS. LAVATORIOS EM 320 RÉIS

COLCHOARIA

LOUÇAS INGLEZAS

56, 58, 60, Rua Oriental do Passeio Publico, 62, 64, 66

UNICA ESTAÇÃO CENTRAL DA COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Lisboa—262, Rua do Ouro, 270—Lisboa

Vendem-se bilhetes, despacham-se bagagens, recovagens e mercadorias para todos os pontos das linhas do norte e leste, assim como se recebem egualmente dos mesmos pontos.

CARREIRAS DE CARRUAGENS OMNIBUS

DE

LUIZ SALAZAR JUNIOR

Lisboa para o Lumiar, Campo Grande, Caminho de ferro, e vice-versa

Acham-se á venda os bilhetes para estes pontos, conforme o horario affixado ao publico na Estação Central

LISBOA—262, RUA DO OURO, 270—LISBOA

FABRICAS DE TELHA E TIJOLO DA ALHANDRA

DE

LUIZ SALAZAR JUNIOR

Recebem-se encommendas tanto para embarque como para terra, na Estação Central

LISBOA—262, RUA DO OURO, 270—LISBOA

CARROS FRANCEZES

PARA

TRANSPORTES E MUDANÇAS

DE

LUIZ SALAZAR JUNIOR

ESTAÇÃO CENTRAL

LISBOA—262, RUA DO OURO, 270—LISBOA

D. Maria Cecilia da Conceição d'Almeida Fernandes

MODISTA DE CHAPEUS E VESTIDOS

DE

SUA MGESTADE A RAINHA

Especialidade de chapeus e confecções para senhoras e creanças.

Tem sempre variado sortimento de chapeus
para senhoras e creanças, feitos pelos ultimos modelos de Paris que se recebem todas as estações
Lavam-se chapeus de palha, e transformam-se os antigos em modernos.
Grande variedade de legitimas flôres francezas, plumas, fitas e todos os preparos para chapeus
de qualquer qualidade — enfeites para senhoras.

ATELIER DE COSTURA

Fazem-se vestidos, casacos, capas, fatos para creanças, enxovaes para noivas.

BREVIDADE, PERFEIÇÃO E BARATEZA

Recebe encommendas de todos os pontos do reino e ilhas, encarregando-se dos transportes e despachos.

Lisboa — Travessa de Santa Justa, 61 — 1.º andar

DEPOSITO—PORTO—RUA DE SANTA CATHARINA, 339 A 347

COMPANHIA DE CREDITO

AUXILIAR

Sociedade annonyma
de responsabilidade limitada

ESCRIPTORIO

RUA DA BITESGA, 75, 1.º ANDAR

Emprestimos sobre penhores
de toda a especie

O Gerente

Alexandre Mó e Silva

ESCRIPTORIO AGENTE

206, RUA DA ROSA, 2.º ANDAR—LISBOA

Procuradoria de negocios em todos os tribunaes e secretarias de estado. Trata de encartes de empregos, diplomas, pagamentos de direitos de mercê, reclamações de decimas, approvação de estatutos de sociedades e monte-pios, licenças para construcções urbanas, registro de minas, privilegios de invenção, recursos no conselho de estado, etc.

Agencia de transacções commerciaes. Encarrega-se da compra e venda de predios rusticos e urbanos, fundos publicos, generos, mobilias, machinas de costura, rouparia, livros e quaesquer outros objectos.

Correspondencia de tutorias, informações, encommendas, etc. Collocação de alumnos nos principaes collegios da capital. Informações sobre negocios ou transacções. Compra e remessa de encommendas, etc.

Centro agencial de arrendamentos e alugueres de casas e quartos a semestres e a mezes. Recebe procurações dos proprietarios de predios urbanos para agenciar os respectivos arrendamentos. Incumbe-se de alugar casas para os habitantes das provincias que quizerem tomar ares ou banhos nos suburbios de Lisboa. Commissões proporcionaes, muito modicas e satisfeitas depois de effectuados os arrendamentos. Não se pagam as denominadas *filiações*.

N'este escriptorio só ha casas inscriptas pelos proprios senhorios as quaes se indicam e mostram gratuitamente.

Redacção e escripta de requerimentos feitos em presença das leis a que disserem respeito; memoriaes; correspondencias para jornaes, quando o assumpto não seja inconveniente; annuncios; cartas particulares; etc.

O ESCRIPTORIO AGENTE, ha muitos annos estabelecido em Lisboa, emprega a maior sollicitude nos negocios que lhe são incumbidos. As procuradorias e commissões são modicas e convencionaes. Todos os negocios podem ser tratados por meio de correspondencia postal, dirigida, franca de porte, ao proprietario do ESCRIPTORIO AGENTE—*Henrique Gorjão*,

João Candido da Silva

CASA DE CAMBIO

N'este estabelecimento, um dos mais acreditados no seu genero, não só pela inteireza e promptidão com que tem satisfeito e satisfaz sempre os seus compromissos, mas por ter sido sempre protegido pela fortuna, obtendo os principaes premios das loterias, se promptificam com inteireza e sem demora quaesquer encommendas que ahi sejam feitas, tanto de bilhetes como de cautellas.

231, RUA DO OURO, 231

LISBOA

IRMÃS SILVAS

ENXOVAES P.ª NOIVAS

CHAPEUS, TODOS OS PREÇOS

CASACOS

VISITES

ETC.

Atellier de Costura

101, RUA DOS ALGIBEBES, 4.º

LISBOA

Faz-se toda a qualidade de roupa branca para homem e senhora

Tomam-se encommendas para as provincias

TOILETTES P.ª BAILE

FATOS PARA CRIANÇAS

VESTIDOS

CAPAS

ETC.

PREÇOS BARATISSIMOS

PERFEIÇÃO E RAPIDEZ

101, RUA DOS ALGIBEBES, 4.º ANDAR — LISBOA

AIXA

DAVID CORAZZI — EDITOR — LISBOA

DICCIONARIO

DE

GEOGRAPHIA UNIVERSAL

POR UMA SOCIEDADE DE HOMENS DE SCIENCIA

Composto segundo os trabalhos geographicos dos melhores auctores portuguezes, brazileiros, francezes, inglezes e allemães, e de accordo com as ultimas publicações chorographicas e estatisticas dos differentes paizes:

Comprehendendo todos os exclarecimentos e informações indispensaveis com relação ao commercio, ás artes e industrias fabris:

Desenvolvido consideravelmente na parte que diz respeito a

PORTUGAL, PROVINCIAS ULTRAMARINAS E BRAZIL

Pela importancia que esta obra já hoje tem, apenas no seu começo, póde-se dizer, sem receio de exagero, que virá a ser considerada pelos competentes como

O primeiro diccionario geographico universal do nosso seculo.

Cada fasciculo de 16 paginas com a competente capa, 100 réis fortes.

Continúa a receber-se assignaturas na Empreza Horas Romanticas, rua da Atalaya, 42, Lisboa.

A MODA ILLUSTRADA

JORNAL DAS FAMILIAS

Escripto em portuguez, contendo os ultimos figurinos das modas de Paris, moldes de tamanho natural, modelos de trabalhos de agulha, tapeçarias, bordados, crochet, romances, litteratura, chronicas de Lisboa e de Paris, enygmas, jogos, charadas, passatempos, annuncios, etc. etc.

SAE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

PREÇO DA PRIMEIRA EDIÇÃO (COM FIGURINOS COLORIDOS)		PREÇO DA SEGUNDA EDIÇÃO (SEM FIGURINOS COLORIDOS)	
Anno	4$000	Anno	3$000
Semestre	2$100	Semestre	1$600
Trimestre	1$100	Trimestre	850
Avulso	200	Avulso	160

CADA NUMERO CONSTA DE 12 PAGINAS, FORMATO GRANDE, COM FIGURINOS COLORIDOS, FOLHA DE MOLDES, ETC.

Assigna-se na Administração da Empreza Horas Romanticas, rua da Atalaya, 42, Lisboa.

JOÃO ALVES DE CARVALHO

COM

LOJA DE CONFEITARIA

37, 38, PRAÇA DE D. PEDRO, 37, 38

40 A 50, RUA DO PRINCIPE, 40 A 50

LISBOA

CASA DE ITALIA

FABRICA DE CHAPEUS DE PALHA

DE

F. M. DE MIRANDA & FILHOS

LISBOA — 100, RUA NOVA DO ALMADA, 1.º — LISBOA

Chapeus para homens, senhoras e creanças, em palha de todas as qualidades; e em feltro, seda ou veludo, para senhoras e creanças. Especialidade em chapeus modelos das primeiras modistas de Pariz, e mais artigos da moda para confecções de chapeus. Flôres, fitas, plumas, penachos, aigretes, applicações. Veludos, sedas, pelucias, tulles, rendas, veus para noivas e varios artigos de moda por preços resumidos. Transformam-se os antigos e fazem-se novos pelos ultimos modelos e figurinos, em todas as qualidades.

Preços sem competencia

TEIXEIRA & CORRÊA

Conserta-se relogios e caixas
de musica,
garantindo-se o trabalho

17 — Rua dos Ourives — 17

SETUBAL

RESTAURANT CLUB

J. A. SILVA

12—TRAVESSA DO ESTEVAM GALHARDO—12

(FRENTE DA EGREJA DOS MARTYRES)

Jantares de meza redonda, vinho e café 700 réis

GABINETE RESERVADO PARA FAMILIAS

SERVIÇO POR LISTA A QUALQUER HORA

Fornece jantares, lunchs e ceias para fóra, segundo as indicações que lhe forem apresentadas.

Emilia d'Abreu & C.ª

MODAS, CONFECÇÕES

E

ROUPARIA BRANCA

RUA DE S. FRANCISCO

Entrada, Travessa da Parreirinha, 5, 1.º

LISBOA

PHARMACIA MONTEIRO

93, RUA DOS REMEDIOS, 95

PÓS CONTRA AS LOMBRIGAS

Medicamento muito simples
que póde ser applicado sem receio algum
em todas as edades

P. J. P. CAMPEÃO & C.ª

COM

CASA DE CAMBIO

N'este estabelecimento, um dos mais acreditados no seu genero, não só pela inteireza e promptidão com que tem satisfeito e satisfaz sempre os seus compromissos, mas por ter sido sempre protegido pela fortuna, obtendo os principaes premios das loterias, se promptificam com inteireza e sem demora quaesquer encommendas que ahi sejam feitas, tanto de bilhetes como de cautellas.

Tambem se vendem sellos, letras e papel sellado

As pessoas que queiram remessas d'este estabelecimento, podem requizital-as, mandando a sua importancia em estampilhas ou vales do correio, que serão satisfeitas com a maior promptidão.

118, RUA DO AMPARO, 118

LISBOA

ALMANACH DOS THEATROS

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

PREÇO

Cada pagina..... 1$500 réis

Recebem-se annuncios para o almanach do seguinte anno desde 1 de janeiro até 30 de junho na livraria Pacheco & Carmo — Rua do Ouro, 136 e 138 — Lisboa

N. B. A redacção dos annuncios é de inteira responsabilidade dos senhores annunciantes.

INDICE DOS ANNUNCIOS DO PRESENTE VOLUME

Cigarros Scando de Oran..... I
Sollicitador encartado..... II
Officina de esteiras..... III
Agente de aduanas em Badojoz..... IV
Machinas de costura..... V
Corretor da Praça do Commercio..... VI
Estação Central em Coimbra..... VII
Nova Casa Havaneza de Lisboa..... VIII
Casa de cambio de J. P. Rego..... IX
Juhel & Garay..... X
Vinhos de Lobato & C.ª..... XI

Serviço de paquetes..... XII
Pomada Luzitana..... XIII
Obras de Julio Verne..... XIV
Os dois mundos..... XIV
Agente de alfandegas em Badajoz..... XV
Modas e confecções..... XVI
Tinturaria Cambournac..... XVII
Camas de ferro sem parafusos..... XVIII
Estação Central dos Caminhos de ferro . XIX
Modista—D. Cecilia Fernandes..... XX
Companhia de credito auxiliar..... XXI
Escriptorio agente..... XXII
Casa de cambio de J. C. da Silva..... XXIII
Modistas—Irmãs Silvas..... XXIV
Diccionario de geographia universal..... XXV
A moda illustrada..... XXVI
Confeitaria Carvalho..... XXVI
Casa de Italia—Chapeus..... XXVII
Ourives em Setubal..... XXVII
Restaurant Club..... XXVIII
Modista—Emilia d'Abreu..... XXIX
Pharmacia Monteiro..... XXIX
Casa de cambio de Campeão..... XXX

BIBLIOTECA NACIONAL

Cam 531 15

ALMANAK DOS THEATROS

THEATRO DO PRINCIPE REAL

Em troca d'este valle o camaroteiro fará o abatimento de dez por cento em um bilhete de

PLATEA OU CAMAROTE

não sendo em noite de domingo, de dia sanctificado, de primeira representação ou beneficio

BRINDE AO PUBLICO

ALMANAK DOS THEATROS

THEATRO DA RUA DOS CONDES

Em troca d'este valle o camaroteiro fará o abatimento de dez por cento em um bilhete de

PLATEA OU CAMAROTE

não sendo em noite de domingo, de dia sanctificado, de primeira representação ou beneficio